

Jayme Ferreira da Silva

*A VERDADE
SOBRE O
INTEGRALISMO*

*Respondendo a
Carlos Lacerda
e outros*



UM COMBATE INADIÁVEL

Guilherme Cabrera Infante, indagado pelo *Jornal da Tarde* (São Paulo, 18.7.96) do motivo porque afirma ter "a história morrido em Cuba", respondeu ele ter Fidel Castro construído "uma história à sua medida" e que, por isto, "a história parou".

É o que sentimos ao compulsar os livros "didáticos" de todos os níveis, ou as memórias que, repentinamente, começam a espoucar nas prateleiras das poucas livrarias existentes no Brasil.

A nossa História, após Getúlio Vargas e seu aborto político, o Estado Novo, por incrível que pareça, vem sendo ainda escrita sob a visão do ditador tupiniquim ou da ideologia marxista, que ostensivamente passou a dominar as cátedras universitárias e secundárias, com a conivência dos bem-pensantes, amedrontados de se definirem positivamente.

A História parou, no Brasil, pois, sendo ela escrita ou proclamada sob o prisma da falsidade, ou do escamoteamento de provas documentais, deixa automaticamente de existir. No Brasil os livros "didáticos" constituem o mais lamentável *ersatz* da verdadeira História, produzidos como são, um após outro, repetindo a mesma algaravia imposta aos jovens que, nos bancos escolares, deveriam receber as lições verdadeiras escritas pelos homens no seu dia-a-dia. As poucas exceções, como sempre, confirmam a regra.

As indagações se impõem: que sabem os jovens de hoje sobre a democracia integralista? Que sabe a mocidade de nossas escolas sobre a integração racial que a doutrina pliniana concretizou, ou que os líderes negros Sebastião Alves e Abdias do Nascimento participaram ativamente da Ação Integralista Brasileira? Que sabem os moços, que proporcionam fortunas aos donos dos famigerados "cursinhos", sobre a posição dos integralistas na II Grande Guerra de nosso século? Que informação têm os estudantes de

A verdade
sobre o
Integralismo

Integralismo

Discursos proferidos
no Conselho de Estado, Conselho Federal
na sessão de 9 de julho de 1942

Biblioteca
São Paulo
1940



Digitalizado pela
Frente Integralista Brasileira
<http://www.integralismo.org.br/>
Deus - Pátria - Família

JAYME FERREIRA DA SILVA

*A verdade
sobre o
Integralismo*

*Discurso pronunciado
na Câmara do (então) Distrito Federal
na sessão de 9 de julho de 1947*

Edições GRD
São Paulo
1996

ÍNDICE

Apresentação	IX
<i>José Baptista de Carvalho</i>	
A verdade sobre o Integralismo	1
Interpelação n.º 1	7
Interpelação n.º 2	18
Interpelação n.º 3	25
Interpelação n.º 4	30
Interpelação n.º 5	36
Interpelação n.º 6	40
Interpelação n.º 7	43
Interpelação n.º 8	47
Interpelação n.º 9	57
Interpelação n.º 10	59
Interpelação n.º 11	60
Interpelação n.º 12	64
Interpelação n.º 13	71

Como observa o autor, na Introdução do seu discurso na sessão de 9 de julho de 1947, na Câmara de Vereadores, as acusações então dirigidas à Ação Integralista Brasileira foram catalogadas em “13 Interpelações”, a saber:

- 1.^a) “Integralismo é fascismo?”,
- 2.^a) “O Integralismo não é democracia” e “O Integralismo é antidemocrático”,
- 3.^a) “O Integralismo é antidemocrático porque era favorável ao partido único e ao sistema corporativo”,
- 4.^a) “É ou não é verdade que o Sr. Gustavo Barroso entrou em entendimentos com o ministro da Propaganda da Alemanha, Sr. Joseph Goebels?”,
- 5.^a) “Racismo e Integralismo”,
- 6.^a) “É ou não é verdade que VV. Excelências colaboraram com os alemães no afundamento dos navios brasileiros?”,
- 7.^a) “É ou não verdade que o Sr. Miguel Reale publicou uma série de livros nos quais defende: a) o Partido Único; b) cessação da liberdade de imprensa; c) pena de morte; d) sistema unitário, contrariando toda a convicção federalista no Brasil, e) ditadura, dentro da qual o Sr. Plínio Salgado seria o Deus e o Sr. Gustavo Barroso seu Messias?”,
- 8.^a) “É ou não verdade que o financiamento da Ação Integralista Brasileira foi feito por meio de uma transação financeira efetuada com o Banco Alemão Transatlântico desta cidade?”,
- 9.^a) “Como responde o Integralismo às acusações da ‘Exposição do Tabuleiro da Baiana’?”,
- 10.^a) “Enquanto VV. EEx. estavam apodrecendo na prisão, o Sr. Plínio Salgado estava em Lisboa, num cômodo exílio declamando sonetos.”,
- 11.^a) “Foi ou não foi uma ‘intentona integralista’ o golpe de 11 de maio de 1938?”,

12.^a) “O Integralismo é extremismo?”,

13.^a) “V. Excia. é representante do Partido de Representação Popular ou do Integralismo?”.

Estas interpelações tiveram origem em apartes ou discursos de vereadores comunistas e ex-comunistas como Carlos Lacerda. Na lista de acusadores, detratores e críticos do Movimento Integralista, o autor cita também os vereadores Luiz Paes Leme, Ari Barroso, Tito Lívio, Adauto Cardoso, Osório Borba, Pedro Braga.

Como se vê, algumas interpelações referem-se ao movimento e suas idéias; outras tinham, como finalidade, também atingir a honra e a dignidade de pessoas envolvidas no Movimento Integralista. Entretanto, em discurso na Câmara, a resposta foi tão completa e incisiva que não ensejou a menor contestação por parte dos acusadores nem possíveis réplicas.

Quanto ao aspecto doutrinário, o autor perpassa toda a documentação doutrinária escrita ao tempo da AIB, como também faz referências a documentos publicados posteriormente para fundamentar a ideologia do Partido de Representação Popular, que os seus fundadores pretendiam como continuador do Movimento Integralista. Em algumas respostas, há inúmeras referências a documentos católicos de grande relevância para a discussão do Integralismo, entre os quais as duas grandes Encíclicas papais: *Rerum Novarum*, de 1891, e *Quadragesimo anno*, de 1931, editadas, respectivamente, pelos Papas Leão XIII e Pio XI, responsáveis pela formação e desenvolvimento do movimento social-católico. Quanto ao pensamento corporativo — a tese da organização corporativa do Estado estava sendo aventada como saída institucional para a crise do Estado liberal, totalmente desacreditado na época — Jayme Ferreira da Silva faz referência à obra clássica sobre o corporativismo: *O Século do Corporativismo*, de autoria de

Mihail Manoilescu, professor de Economia Política da Escola Politécnica de Bucarest.

Na resposta à décima primeira interpelação, ou seja, sobre o ataque ao Palácio Guanabara, a argumentação do autor é precisa e esclarecedora e pode, atualmente, ser confirmada com a leitura de uma enorme literatura a respeito, entre as quais podemos citar algumas obras publicadas posteriormente:

em 1956, *Livro Verde da Minha Campanha*, de Plínio Salgado, Livraria Clássica Brasileira, RJ;

em 1965, *História das Revoluções Brasileiras*, de Glauco Carneiro, Edições Cruzeiro, RJ;

em 1971, *1938 — Terrorismo em Campo Verde*, de Hélio Silva, Editora Civilização Brasileira, RJ;

em 1977, *O Estado Novo*, de Edgard Carone, Difusão Européia do Livro (Difel), SP;

em 1984, *A Faculdade de Direito de São Paulo e a resistência anti-Vargas*, de John W. Foster Dulles, Ed. Nova Fronteira e Universidade de São Paulo, e, finalmente, o livro de memórias do historiador Aureliano Leite, intitulado *Páginas de uma Longa Vida*, Livraria Martins Edit., SP.

A importância desta obra que se publica está no fato de que até hoje ela não foi questionada; nenhum argumento ou publicação se fez que pudesse confrontá-la. Entretanto, algumas dessas acusações continuam a ser repetidas por pesquisadores — inclusive alguns *brasilianistas* — superficiais que não se deram ao trabalho de busca a documentos que poderiam tê-los esclarecido. Ainda recentemente, um professor de uma das Universidades do sul do país, através de órgão da imprensa de São Paulo (*Folha de S. Paulo*, edição de 3 de maio de 1995) levantou acusações contra Plínio Salgado, sem nenhuma prova ou referência documental, o que revela grave falha de ética jornalística — lançar acusações a

peessoas sem prova que pudesse ser analisada e questionada na sua veracidade.

José Baptista de Carvalho

A VERDADE
SOBRE
O INTEGRALISMO

A VERDADE SOBRE O INTEGRALISMO

A VERDADE

SOBRE

O INTEGRALISMO

O SR. PRESIDENTE — Tem a palavra o nobre vereador Jayme Ferreira, 1º orador inscrito.

O SR. JAYME FERREIRA — Sr. Presidente, Srs. Vereadores: creio que é de Lenine a afirmação de que doutrinar é repetir.

Sr. Presidente, ao entrar nesta Casa, tantas coisas se haviam repetido contra o antigo movimento da Ação Integralista Brasileira que eu, como participante, que fui, daquele movimento, fui recebido sob estrondosas manifestações de desagrado, compensadas, felizmente, por outras demonstrações, que me têm chegado, dos lares distantes, onde as mães, baluarte da nacionalidade, representam a compensação e o estímulo para a nossa luta e nossa atividade.

Numerosas interpelações foram, a mim, dirigidas, não somente sobre mim, não somente sobre minha pessoa muito humilde — interpelações essas a que já respondi, devidamente, em tempo oportuno, mas, também, sobre aquele antigo movimento, e, tal é a força da propaganda, como brilhantemente acentuou o ilustre colega que me precedeu na tribuna, que muita coisa ficaria desvirtuada e ainda muitas injustiças são repetidas. A todas essas interpelações sou forçado a responder, Sr. Presidente, porque se amanhã fosse obrigado a me licenciar por algum tempo desta Casa, poderiam ser tomadas como tendo passado em julgado, como uma fuga ao esclarecimento que me era solicitado, o que seria para mim profundamente desagradável.

O assunto que me traz à tribuna eu o cataloguei em treze respostas a treze dessas interpelações sobre a antiga Ação Integralista Brasileira; apresento estas respostas aduzindo documentos e trazendo citações. Tendo eu buscado e rebuscado livros e arquivos, seria preferível que os meus colegas analisassem esta documentação, e, se novas interpelações forem levantadas, virei à tribuna, respeitosamente, responder-lhes, porque não é meu intuito ocupar o tempo da Casa com este assunto, que desagrade a muitos dos meus colegas, os quais poderiam até supor que me traria aqui outro intuito que não o esclarecimento que me é exigido.

Quando de abril para maio estava eu preparado para expor à Casa estes esclarecimentos, sobrevieram acontecimentos relativos à cassação do registro eleitoral do Partido Comunista do Brasil, e como no meu discurso há referências a respeito de idéias e princípios doutrinários do comunismo, eu me senti em dificuldade para abordar o assunto em momento de tal delicadeza.

Assim, pedi a V. Ex^a, Sr. Presidente, e V. Ex^a deve lembrar-se disso, que tornasse sem efeito a minha inscrição, porque não seria elegante de minha parte, num momento como aquele, tratar da matéria. Hoje, volto à tribuna e as razões que fizeram com que eu adiasse a minha resposta não são agora diferentes; e como o assunto não comportará, talvez, apartes, dada a documentação que trago, se bem que saiba o meu discurso todo como quem vem dar uma lição, para evitar perder o fio do raciocínio, solicitaria a V. Ex^a, Sr. Presidente, já que vários colegas, como os Srs. Vereadores Luiz Paes Leme e Iguatemi Ramos, pedem o restante do meu tempo, que V. Ex^a submetesse à Casa o Requerimento verbal que faço para que esta explanação seja transcrita na íntegra, junto às palavras que estou pronunciando, como parte integrante das mesmas.

Peço submeter à Casa, que decidirá, e, se não aprovar este requerimento, iniciarei então a leitura deste discurso, tal como foi escrito há várias semanas. É o Requerimento que submeto a V. Ex^a, reservando-me para continuar ou terminar a minha oração com estas palavras.

Submetido a votos, é aprovado o Requerimento verbal do Sr. Jayme Ferreira.

O SR. JAYME FERREIRA — Sr. Presidente, só me resta agora agradecer a V. Ex^a e à Casa este crédito de confiança que me dão, esperando que os meus nobres colegas que me fizeram as interpelações não tomem o meu gesto como uma fuga da tribuna, mas como uma necessidade que sinto de que o assunto seja estudado, e não discutido debaixo de uma balbúrdia e confusão naturais.

Antes de deixar a tribuna, queria lembrar os nobres colegas do Partido Comunista, Srs. Vereadores Agildo Barata, que foi meu contemporâneo na Escola Militar e Otávio Brandão, que me taxaram de fascista, e o não menos ilustre Sr. Pedro Carvalho Braga, que antes de partir, também me taxou de fascista. Desejava apenas perguntar se se fundam em razão de ordem doutrinária ou filosófica, ou se é apenas uma atitude política, porque o termo fascista não cabe a mim; se SS. Ex^{as} quiserem chamar-me de integralista podem acreditar que não tenho restrição alguma a fazer ao termo, mas há uma confusão profunda entre integralismo e fascismo.

O Sr. Aloísio Neiva Filho — V. Ex^a me permite um esclarecimento do Partido Comunista? (*assentimento do orador*) Não o chamaremos mais de fascista e, sim, pelo seu sinônimo — integralista.

O SR. JAIME FERREIRA — É um sinônimo muito imperfeito, quase antônimo, Sr. Aloísio Neiva... (*Risos*).

De qualquer maneira, Sr. Presidente, agradeço ao nobre e inteligente colega Sr. Vereador Aloísio Neiva Fi-

lho, a promessa que fez de que a bancada comunista de maneira alguma me chamará de fascista, porque é uma injúria que terei de repelir, preferindo que me chamem de outra maneira, como quiserem, principalmente de integralista. Não tenho restrição alguma a este termo.

Agradeço a V. Ex^a e à Casa a prova de confiança que me dispensam proporcionando a transcrição na íntegra do meu discurso, que passo à Mesa.

Publicação feita, referentemente ao discurso acima, de acordo com o Requerimento aprovado em Plenário:

Sr. Presidente:

Srs. Representantes do Povo Carioca.

O caráter de um povo, diz Gustavo Le Bon, e não a sua inteligência, define a sua evolução na História e orienta o seu futuro. Assim pois, devemos dar prevalência às características peculiares do nosso povo — leal, franco, destemeroso e firme nas atitudes morais, pois outra coisa não me traz a essa tribuna que o imperativo dessa ordem, assistindo-me não apenas o direito, mas o dever, que ninguém contestará de responder, frente a frente, a todas as interpelações que, direta e pessoalmente, a mim foram dirigidas sobre a antiga e hoje extinta Ação Integralista Brasileira. Como componente que fui daquele movimento, não fujo ao debate, sejam quais forem as incompreensões, as críticas e a má vontade testemunhada por quem quer que seja. Quem diz Democracia, diz Liberdade! E se houve liberdade para atacar, claro que também haverá liberdade para defender e esclarecer. Reafirmo que não sou nenhum apaixonado, intolerante ou sectário. Não pretendo tampouco fazer proselitismo. Se estiver eu errado, aceitarei os esclarecimentos que, honestamente, me convençam do meu erro. O que não aceito é a técnica da intimidação e da confusão com que pretendam cercear o meu direito de

palavra, o direito de manifestação do meu pensamento livre.

Vamos, pois, diretamente ao assunto:

INTERPELAÇÃO Nº 1

Os Srs. Vereadores Carlos Lacerda, Luiz Paes Leme, Ari Barroso, Tito Lívio, Adauto Cardoso, Osório Borba e, ultimamente, os líderes comunistas Pedro Braga e Agildo Barata afirmaram nesta Casa que “Integralismo é fascismo”. Contestei, por errada, essa afirmação, declarando que “Integralismo não é fascismo”. Passarei a esclarecer e comprovar com os necessários fundamentos, a minha contestação. Partirei da premissa de que o Fascismo é um Estado Totalitário e o Integralismo não aceita a doutrina do Estado Totalitário. O erro vem da confusão lamentável de que o Fascismo tem uma concepção totalitária do Estado, enquanto o Integralismo tem uma concepção totalitária do Universo, adotando, portanto, uma filosofia totalista. E esta concepção do Integralismo está em perfeita consonância com os maiores sociólogos, bem como com os princípios da doutrina cristã. Adolfo Posada, eminente sociólogo espanhol, citando o grande Albion Small, inglês de renome mundial, no que está de acordo, aliás, com a opinião de Stukemberg, alemão, e com a opinião de Ward e de Gidding, norte-americanos, declara, à pág. 316, do primeiro vol. do seu *Tratado de Sociologia*, que “a concepção do processo sociológico deve ser encarada de uma maneira total, sem que isso implique em *totalitarismo*”. — A sociedade, portanto, deve ser encarada no seu conjunto, no seu todo, observando-se o Homem, na plenitude da sua personalidade, que deve ser respeitada e os grupos naturais como projeções dessa própria personalidade. Esses *grupos naturais* são o grupo fami-

liar, o grupo profissional, o grupo político e o grupo religioso, cuja harmonia deve ser mantida, evitando-se a hipertrofia de qualquer deles em detrimento dos demais. A concepção do processo sociológico, portanto, assemelha-se a uma árvore, que cresce e vai dando os seus galhos e ramos, de baixo para cima. Concebe-se o *Todo* — e daí o absurdo da concepção do Estado totalitário, que, sendo um dos grupos, não pode logicamente absorver os outros — a parte não pode conter o todo. O grupo político — e quem diz filosofia política, hoje, diz *teoria do Estado*, não pode ter esse caráter absorvente, hipertrofiado, submetendo ao seu arbítrio os grupos naturais e os direitos inalienáveis da pessoa humana. Para que essa harmonia entre os grupos naturais seja possível é preciso conceituar devidamente dois princípios que costumam chocar-se — o da Autoridade e o da Liberdade. Tal, em rápidas pinceladas, a concepção do processo sociológico moderno. Dentro dessa concepção se enquadra, plenamente, o Estado totalitário de supervisão, caráter que pode existir no próprio regime liberal-democrático, pela visão de conjunto ou seja, pela visão total dos problemas. O que é inaceitável é o Estado totalitário absorvente, que submete tudo e todos ao poder estatal, não reconhecendo nenhum direito a não ser o do Estado. Esse Estado totalitário, odioso, antinatural e anticristão, é enquadrado no chamado verticalismo de Spengler, pois ele vem de cima para baixo, esmagando os grupos naturais e a pessoa humana.

Nesse grupo do estado *totalitário absorvente*, enquadram-se o Fascismo, o Nazismo e o Comunismo, com suas místicas peculiares, a da Pátria, a da Raça ou a da Divinização do Trabalho, submetendo todos os impulsos naturais do homem, todos os seus direitos e liberdades, bem como todos os grupos naturais, ao poderio do Estado. Nesse particular, reforçamos nossa afir-

mação com palavras de Jacques Maritain em seu livro *Humanismo Integral*, quando “cataloga” o Fascismo e o Nazismo na mesma linha do Comunismo, dizendo que têm todos suas raízes na negação dos valores espirituais da Igreja e que o “totalitarismo, seja qual for, contraria a ideologia cristã”.

Nada mais claro: o totalitarismo, seja qual for, é contrário à ideologia cristã — portanto, contrário, do mesmo modo, à doutrina da Igreja. Nenhuma dúvida pode existir nesta Casa de que a doutrina da Igreja é radicalmente contrária a qualquer forma de totalitarismo. Não quero, pois, senão de passagem, lembrar nesta Casa os documentos básicos do Integralismo e é sobre esses documentos que se deve alicerçar a crítica honesta e abalizada. São eles: *Manifesto de Outubro*, de 1932, *Diretrizes Integralistas*, de 1933, *Estatutos da Ação Integralista Brasileira*, de 1934, e *Manifesto-programa*, de 1936, documentos esses que se encontram transcritos na íntegra no livro *O Integralismo Brasileiro perante a Nação*, há pouco dado à publicidade.

Faço um convite aos homens de bem para que leiam esses documentos e, depois, com o necessário conhecimento de causa, poderão discutir, analisar ou criticar no campo superior das idéias e dos princípios. O mais, fora dessa orientação, é mera agitação que foge ao sentido anagógico que deve presidir o esclarecimento em nossas mútuas divergências no campo ideológico político-social.

O primeiro documento inicia o primeiro capítulo com a seguinte afirmação: “Deus dirige o destino dos povos”. “O homem deve praticar sobre a terra as virtudes que o elevam e aperfeiçoam. O homem vale pelo trabalho, pelo sacrifício em favor da família, da Pátria e da sociedade”...

I

Nas *Diretrizes Integralistas*, assim começa esse documento: "O Integralismo pretende construir a sociedade segundo a hierarquia de seus valores espirituais e materiais, de acordo com as leis que regem os seus movimentos e sob a dependência da realidade primordial, absoluta, que é Deus.

II

Essa hierarquia, na qual se fundam o princípio e o exercício da Autoridade, faz prevalecer o Espiritual sobre o Moral, o Moral sobre o Social, o Social sobre o Nacional e o Nacional sobre o Particular".

Os *Estatutos da Ação Integralista Brasileira* declaram textualmente no seu art. III: "Como partido político, a Ação Integralista Brasileira objetiva a reforma do Estado, por meio da formação de uma nova cultura filosófica e jurídica, de sorte que o povo brasileiro, livremente e dentro das normas da Constituição de julho de 1934 e das leis em vigor, possa assegurar, de maneira definitiva, evitando lutas entre Províncias, entre classes, entre raças, entre grupos de qualquer natureza e principalmente evitando rebeliões armadas:

- a) o culto de Deus, da Pátria e da Família;
- b) a Unidade Nacional;
- c) o princípio da Ordem e da Autoridade;
- d) o prestígio do Brasil no Exterior;
- e) a Justiça Social, garantindo-se aos trabalhadores a remuneração correspondente a todas as suas necessidades e à contribuição que cada qual deve dar à economia nacional;
- f) a paz entre as famílias brasileiras e entre as forças vivas da Nação, mediante o sistema orgânico e cristão das corporações;

g) a Economia, que garante a intangibilidade da propriedade até o limite imposto pelo bem comum; a iniciativa particular orientada no sentido da maior eficiência da produção nacional; a soberania financeira da Nação; a circulação das riquezas e o aproveitamento dos nossos recursos naturais em benefício do povo brasileiro; a prosperidade e a grandeza da Pátria;

h) a liberdade da pessoa humana dentro da ordem e da harmonia social;

i) a grandeza e o prestígio das classes armadas;

j) a união de todos os brasileiros.

O quarto documento básico, o *Manifesto-programa*, começa com esta afirmação:

"1 — O Integralismo é um movimento que objetiva a felicidade do povo brasileiro, dentro da justiça social, dos princípios verdadeiramente democráticos, garantida a intangibilidade dos grupos naturais e assegurada, de maneira definitiva, a grandeza da Pátria, que deverá ser elevada ao seu máximo esplendor".

Infelizmente, Srs. Vereadores, não é possível nos determos mais longamente na análise desses documentos que, no futuro, serão objeto do louvor das gerações que nos sucederem, pela limpidez dos seus conceitos e pela magnífica sistematização filosófica e doutrinária dos seus rumos políticos e sociais. Nenhuma retificação necessito fazer, relativamente a essas idéias e a esses princípios, que reafirmo hoje, na plena consciência das minhas responsabilidades. Tal é a justeza dos conceitos integralistas que a Igreja, a mais desasombrada, senão a primeira, na condenação aos totalitarismos de qualquer ordem, a Igreja, pelas vozes mais autorizadas, proclamou a elevação e a aceitação do Integralismo, doutrinária como filosoficamente.

E, Srs., sejamos justos. Se a Igreja considerasse o

Integralismo no rol dos Estados totalitários não só não o aceitaria, como ao contrário, lhe lançaria a mais completa condenação. Ao invés disso, as maiores expressões da catolicidade brasileira, em repetidas oportunidades, manifestaram-se clara e espontaneamente sobre o Integralismo, aplaudindo os seus princípios e as suas atitudes em prol do levantamento espiritual, cívico e moral do povo brasileiro.

Quero começar pela opinião das mais abalizadas, do eminente sociólogo Sr. Alceu de Amoroso Lima, chefe incontestável durante longos anos, do laicato católico. Solicitado a definir-se sobre o Integralismo em face do Catolicismo, por expressões do maior destaque, como o grande pensador Tasso da Silveira, que pretendia ingressar naquele movimento, o Sr. Amoroso Lima dedicou, em seu livro *Indicações Políticas*, um substancial capítulo, sob o título "Catolicismo e Integralismo", que vai da pág. 186 à pág. 220, da edição de 1936. É uma das mais substanciais críticas sobre o assunto. Começa recordando a personalidade de Jackson de Figueiredo, considerado, com razão, como precursor do Integralismo, citando que foi Jackson quem trouxe ao conhecimento dos brasileiros a obra de Antônio Sardinha, criador do Integralismo português. Termina essa crítica reconhecendo o valor do Integralismo, em cujas fileiras qualquer católico, sem função de comando na Ação Católica, poderia ingressar, levando o seu apoio quer no campo ideal, como também no campo real ou prático. Outra autoridade, infelizmente desaparecida há pouco mais de dois anos, Lúcio José dos Santos, cultura que transpôs os limites da Pátria; tal como Amoroso Lima, também se pronunciou em exaustiva análise o grande pensador mineiro, que estuda e esgota o assunto, com aquela sua profundidade de conhecimentos, abordando o conceito filosófico e jurídico do Estado, professado

pelo Integralismo, o sistema de organização social propugnado por esse movimento, terminando pela análise do plano de concordata e da sua aceitabilidade ou não pelos católicos, em face do "Syllabus" e da doutrina da Igreja. Suas conclusões dispensam qualquer citação, pois Lúcio José dos Santos sempre reafirmou suas convicções integralistas, ainda poucos anos antes de sua morte, quando, em 1941 tive ocasião de prestar-lhe uma homenagem pessoal com crianças, na redação da revista *Ra-ta-plan*. Citadas essas duas autoridades do laicato católico, não será demais lembrar algumas das opiniões de seis arcebispos e bispos, favoráveis inteiramente aos princípios preconizados pelo Movimento Integralista. Leiamos apenas as opiniões consignadas nas páginas 71, 72 e 73 do livro *O Integralismo Brasileiro perante a Nação*, que tenho neste momento em mãos. Nessas páginas estão transcritas as opiniões de Francisco, bispo de Campinas; Luiz, de Uberaba; Otaviano, arcebispo de Campos; José, bispo de Bragança; José, bispo de Niterói; Inocêncio, bispo de Campanha; Antônio; arcebispo de Jaboticabal; Manuel, bispo de Terrado; Fernando, bispo de Jacarezinho; Francisco, arcebispo de Cuiabá e Joaquim, arcebispo de Florianópolis. Diante de tais opiniões, que representam a maior expressão de cultura e de saber, acusar o Integralismo de Fascismo, ou seja, de totalitário, no aspecto da concepção estatal, é o mesmo que taxar a Igreja de fascista e totalitária, como aliás já se fez aqui, de maneira tão impensada e apressada, porém, que o próprio vereador que fez tal declaração recuou com mais pressa ainda da errônea e falsa invectiva.

Creio que, dentro do limite dos meus conhecimentos, deixei bem claro que Integralismo não é e nunca foi Fascismo, pois este, como afirmei, é um estado totalitário do tipo absorvente, enquanto aquele adota uma con-

cepção totalitária do Universo, na qual o Estado é parte e não Todo. Coisas portanto bem distintas para a alta inteligência desta Casa. Trouxe os documentos básicos daquele glorioso movimento. Aduzi opiniões de personalidades as mais eminentes. Não pensem entretanto, que tenha eu, de leve sequer, desvirtuado uma vírgula que seja no que acabo de afirmar; também não estamos improvisando uma defesa póstuma, mas revivendo os próprios princípios básicos do Integralismo, proclamados há cerca de 15 anos!

Já em 1936, no jornal *A Offensiva*, Plínio Salgado esclarecia o assunto num artigo feito como perguntas e respostas, sobre o título — Estado totalitário e estado integral. Esse artigo acaba de ser transcrito num dos últimos livros desse eminente patricio, que representa um dos pontos máximos do pensamento contemporâneo, *Madrugada do Espírito*. Nesse artigo, transcrito à página 157, desse livro, a primeira pergunta é esta: “Os integralistas querem o Estado Totalitário? — Não, responde. Não, os Integralistas querem o Estado Integral”. — A seguir, o autor mostra que são coisas completamente distintas o Estado Totalitário e o Estado Integral, sendo este por excelência o *estado ético*, que não pode ser confundido tampouco com o *estado Leviatan* de Hobbes, que esmaga o indivíduo, nem com o estado de Locke ou de Rousseau, porque esse faz a hipertrofia do indivíduo e ambos se encontram nas últimas conseqüências do estado liberal, isto é, no comunismo bolchevista. Aconselho a leitura desse artigo, porque o mesmo, escrito em 1936, esclarece de maneira completa e inofismável essa lamentável confusão, cuja repetição poderá trazer aos repetidores eiva de má fé, porque já não pode existir mais ignorância sobre o assunto.

Terminarei esclarecendo à interpelação nº 1, afirmando que Plínio Salgado, há 22 anos, no seu primeiro

livro *O Estrangeiro*, foi uma das primeiras vozes a erguer-se vigorosamente na condenação ao Fascismo de importação.

Leia-se na 4ª edição desse livro, publicada em 1926, pág. 265: “Juvêncio fez uma excursão com os alunos ao Salto do Avanhanda. Zé Candinho acompanhou-o. Juvêncio levava três papagaios, presente que fizera a Carmine Mondolfi e do qual exigira devolução. Os três pássaros verde-amarelos aprenderam e cantavam, no viveiro do palacete da Avenida, o hino fascista de Mussolini. E uma grande amargura entrou no coração do mestre-escola. Exigiu de Carmine a reentrega dos pássaros inconscientes.

Uns caboclos de Santa Bárbara acercaram-se curiosos...

E os papagaios de Carmine gritavam roucos: *Giovinezza, giovinezza, primavera di bellezza!*

Uma grande arara gargalhou gostosa no alto do ipê. Juvêncio de pé, sobre uma rocha exclamou:

— Quem ri desta cachoeira?

Agarrou então os papagaios — *Giovinezza! Giovinezza*, e, um por um, os foi estrangulando, atirando-os na onda brava da catadupa.

— Indignos todos os seres que falam como os papagaios, sem pôr nas palavras a força e o calor da Terra! Indignos todos os homens que falam com os lábios e acabam transformando-se na insensibilidade dos fonógrafos...

E nesse mesmo livro, Plínio Salgado, que hoje vê a luminosa doutrina que fundara entre nós tão incompreendida e tão desvirtuada, Plínio Salgado, nesse mesmo livro, revela-se o grande psicólogo dos fenômenos sociais e políticos, prevendo com impressionante clarividência os trágicos acontecimentos que se avizinhavam no mundo conturbado de hoje. Leia-se à página 18, 1ª

edição, 1926: “A Rússia lá ficara como uma cordilheira de gelo que deveria desabar, inundando o mundo. Geleira da civilização futura deflagrando-se, e transbordando a terra! Ivan tinha a impressão de cheirar a terra verde. Sentia, sob seus pés, alguma coisa firme e vigorosa, que o apoiava e o convidava a marchar. Pensava: — As instituições americanas repousam na rocha viva dos direitos do homem. Quando desabar o dilúvio russo, as suas últimas ondas virão morrer aqui de encontro a estas paredes da Imigração, onde há um dístico, à maneira de sentença, a encimar um arco de triunfo. E a América, então, reconstruirá o que estiver destruído no mundo”.

Srs. Vereadores:

Não exagero, afirmando que deve ter ficado bem claro que Integralismo e Fascismo, doutrinária, filosófica ou sociologicamente, são coisas bem distintas. Não devo alongar-me, trazendo ao conhecimento da Casa a vasta obra realizada pelo Integralismo, cujos livros aí estão, demonstrando a capacidade creadora da nossa inteligência indígena. Devo, porém, lembrar ainda que o caráter antitotalitário do Integralismo ficou bem patente no *Manifesto-programa* de 1936, quando condenou a fórmula totalitária da permanência do Poder nas mãos de um ou de um mesmo grupo de governantes, proclamando, ao contrário, o princípio da rotatividade do Poder, sugerindo a eleição presidencial por um período de sete anos.

Chamem de fascistas aos integralistas, como se tem chamado de fascista ao Papa e ao Vaticano; como se tem chamado de fascista e de reacionário ao governo inglês e ao governo norte-americano; como se tem chamado de fascista, ultimamente, ao presidente Truman... — Tudo isso robustecendo aquelas magníficas palavras de Churchill que, ainda primeiro-ministro da Inglaterra,

a 8 de dezembro de 1944, declarava que — todos aqueles que não estivessem de acordo com os planos da União Soviética seriam considerados reacionários fascistas.

Tudo isso evocando as palavras claras e definidoras de Zinoviev, que, no seu livro *La Troisième Internationale au Travail*, reportando-se à enciclopédia soviética, afirma que — “todas as forças que se opuserem à revolução internacional do proletariado, devem ser consideradas e tratadas como fascistas”.

Atenção, pois, senhores. A técnica bolchevista é tão perfeita que os homens de boa fé, irrefletidamente, sem o sentir, servem aos secretos desígnios soviéticos, obedecendo, sem o saber, às palavras de ordem de Moscou.

Ainda uma vez devo recordar a ordem dada pelo Komintern, em documento trazido por mim a esta casa, no texto original em francês, no qual se ordenava à seção do Brasil do Partido Comunista internacional, que devia concentrar o fogo contra os chefes integralistas, fazendo-os passar por agentes dos grupos mais reacionários, bem como atacar esses chefes e a política do governo classificando-os de nazistas.

Finalmente, Srs. Vereadores, devo apresentar a V. Ex^{as}, o passaporte que tenho em mãos e que acabo de receber de Buenos Aires. Para aqueles que intencional e calculadamente teimam em chamar os antigos integralistas de fascistas, como fizeram recentemente os líderes comunistas Pedro Braga, Agildo Barata e Otávio Brandão, essa é a melhor resposta. Este passaporte é de Francisco Caruso Gomes, ora em Buenos Aires. Comprova devidamente a má vontade com que as autoridades fascistas trataram os exilados brasileiros, quando refugiados na Itália em 1938 e 1939. O governo fascista, preocupado em agradar à chancelaria do Brasil, deu a brasileiros passaportes destinados a indivíduos “sem nacionalidade ou de nacionalidade duvidosa”. Eram es-

ses documentos os que se davam aos judeus e só eram válidos para a Itália e para a Alemanha. Assim, ficavam seus detentores virtualmente prisioneiros na Itália, pois ninguém se atreveria a ir à Alemanha com esse passaporte judeu. Os exilados receberam esse passaporte a 1º de setembro de 1938, quando um deles se encontrava gravemente enfermo no hospital San Giovanni, e deveriam renová-lo de cinco em cinco meses. Negava-se trabalho aos brasileiros exilados. E na capa deste passaporte, como V. Ex^{as} poderão comprovar, lê-se em italiano e em francês respectivamente: "Regno D'Italia-Titolo D'Identità e Di Viaggio per Persone senza Nazionalità o Di Nazionalità Dubbia. Titre d'identité et de Voyage Pour Personnes Sans Nationalité ou de Nationalité Douteuse".

Seja esse documento o selo que desejo apor definitivamente na boca dos caluniadores do glorioso Movimento Integralista.

INTERPELAÇÃO Nº 2

Devo agora, Srs. Vereadores, fazer uma rápida análise sobre o Integralismo e a Democracia, respondendo à Interpelação nº 2: *Integralismo não é Democracia e O Integralismo é anti-democrático*.

Contraditei essas afirmações, declarando que "Integralismo é Democracia perfeita e se enquadra nos moldes da Democracia Cristã", como passarei a demonstrar.

Antes do mais, devo recordar o que já disse nesta Casa sobre a significação de "Democracia", que não deve ser considerada como regime, mas com uma tendência de participação no Governo. Nesse particular teremos a participação de um, de uma classe ou da maioria do povo, correspondendo à Autocracia ou Monocra-

cia, à Aristocracia e à Democracia. Não se pode subentender que qualquer dessas formas, caracterizando a participação no Governo, inclusive a Democracia, seja sempre uma forma elevada, isenta de características de tirania, despotismo ou absorvente totalitarismo. A cada uma dessas formas correspondem formas pejorativas que se enquadram no despotismo de um Luiz XIV ou nas formas chamadas Plutocracia, Oligarquia ou Olocracia, referindo-se essa última à Democracia degenerada em que o poder passa às mãos das camadas inferiores e apaixonadas, desmandando-se e desrespeitando os direitos sagrados do Homem. Portanto, a Democracia, para ser caracterizada como regime, deverá ser adjetivada. Exemplifiquemos: Liberal-Democracia. Modernamente, quando se fala em Democracia e se lhe atribui um conceito de elevação e pureza absolutas, temos para nós que enquadramos nessa palavra o próprio conceito de *Democracia Cristã*. E é sob esse prisma, isto é, encardando Democracia com o conceito mais respeitável e humano, que queremos analisar o Integralismo em face da Democracia. A Democracia, segundo a opinião abalizada do insuspeito Sr. Jacques Maritain, tem suas origens no fermento do cristianismo. Se aceitarmos a Democracia como diretamente ligada aos princípios da doutrina cristã, compreenderemos então que, realmente, os modernos Estados totalitários são antidemocráticos, embora o povo, sob modalidades mais ou menos diferentes, venha, nos mesmos, a participar do governo. Neste particular, nada mais claro e oportuno do que o "Manifesto conjunto" dirigido a Roosevelt pelos mais eminentes prelados norte-americanos, dias antes da Conferência de São Francisco, entre os quais o famoso Spellman, amigo pessoal de Roosevelt e do Papa. Esse documento, que teve repercussão mundial, sobretudo pela clareza e coragem dos conceitos emitidos, foi transcrito

pelo jornal "A União", em seu número de 24 de junho de 1945. Trago ao conhecimento desta Casa o início do último tópico desse memorável documento, porque nele se contém de fato o conceito de Democracia, aceito pelas maiores expressões da cultura contemporânea. Ei-lo textualmente: "Cada dia se torna mais evidente o fato de que no mundo político de amanhã duas concepções de vida, ambas fortes e medularmente antagônicas, vão dividir os compromissos de lealdade entre os homens e as nações. Essas concepções são a verdadeira democracia e o totalitarismo marxista. A democracia tem como alicerce o respeito à dignidade da pessoa humana com seus direitos invioláveis emanados de Deus. Sua unidade de força decorre da cooperação inteligente de todos os cidadãos para o bem comum, sob um governo escolhido e apoiado pelo povo. Será um instrumento de progresso, expansão e desenvolvimento de nossa cultura. Manterá a continuidade de nossa tradição cristã. Dará segurança ao nosso futuro cristão".

E assim conclui esse documento:

"O baluarte da democracia é a Religião e sua palavra de ordem é a Justiça. Entramos nesta guerra para defender nossa democracia. Na reconstrução assumimos a solene responsabilidade de aplicar toda a nossa influência para a salvaguarda das liberdades de todos os povos. Estamos convencidos de que é este o único caminho para uma paz duradoura". Seguem-se as assinaturas: — *Edward Mooney*, Arcebispo de Detroit. *Samuel A. Stritch*, Arcebispo de Chicago. *Francis J. Spellman*, Arcebispo de Nova York. *John T. Nicholas*, Arcebispo de Cincinnati. *John Gregory Murray*, Arcebispo de St. Paul. *John T. Mitty*, Arcebispo de São Francisco. *Joseph F. Rummel*, Arcebispo de Nova Orleans. *John F. Noll*, Bispo de Fort Wayne. *Karl J. Alter*, Bispo de Toledo. *James H. Ryan*, Bispo de Omah.

Eis a democracia conceituada nos moldes em que nós a concebemos. Encerra as aspirações timocráticas de Aristóteles, devendo impregnar-se do sentido de virtude, como exige Montesquieu. Essa a democracia como nós a encaramos, a qual, entretanto, deve caracterizar-se, como afirma o professor Eusébio de Queiroz Lima (*Teoria do Estado*, p. 270) pela "sistematização do poder de *resistência*, por parte da massa dos governados".

Pois bem, srs. Vereadores, à luz dessa concepção e desse elvado conceito de Democracia, devo assegurar a V. Ex^{as}, que, nos livros de doutrina, nos seus documentos básicos, em seus manifestos e diretrizes, o Integralismo revela-se Democracia orgânica, em perfeita sintonia com a Democracia e a Doutrina Cristã.

Bastaria lembrar os "congressos nacionais" realizados pelo menos uma vez, cada ano, como os de Vitória, Petrópolis, Blumenau, São João D'EI Rei ou Belo Horizonte, onde as teses eram debatidas, abordando e discutindo os mais palpitantes problemas da nacionalidade, com a livre participação de todos os congressistas. Bastaria lembrar-se que ao lado da Chefia Nacional do movimento, existiam: um *Conselho Nacional*, encarregado de orientar e tomar as decisões partidárias mais importantes, a serem executadas pela referida chefia; uma *Câmara dos 40*, cujo regimento lhe atribua o direito de análise sobre os atos do Chefe Nacional, podendo *aprovar-los ou rejeitá-los*; uma *Câmara dos Quatrocentos*, composta dos mais destacados correligionários em todo o Território Nacional, colhendo e canalizando informes e sugestões sobre a legislação dos mais variados problemas dos respectivos municípios, regiões ou Estados.

Bastaria lembrar ainda que, quando dos preparativos para a sucessão presidencial em 1937, o Integralismo adotou o *Plebiscito*, presidido por pessoas estranhas

e de notória idoneidade, para escolha do seu candidato, plebiscito no qual até adversários receberam votos.

Quanto ao sentido nitidamente democrático do Integralismo, convém reler os documentos básicos citados anteriormente (Interpelação nº 1), pois neles se contendo as idéias e princípios doutrinários e filosóficos, somente sobre eles poder-se-á erigir a crítica honesta, criteriosa e sensata. Queremos, entretanto, aduzir ainda algumas citações. Entre outras afigura-se-nos de real oportunidade aconselhar a leitura do livro *Democracia Integralista*, de Jayme Regalo Pereira, Professor Catedrático da Faculdade de Medicina de São Paulo, editado em 1936, com substancioso prefácio do Sr. Plínio Salgado. Nesse prefácio o fundador da Ação Integralista Brasileira declarava:

“O presente é tenebroso como o caroço do ‘tucuman’ da lenda tupi-guarani, que guardava no seio as trevas da noite. A tendência geral é para o aniquilamento completo da liberdade humana, da dignidade, da magestade do Homem. Se deixarmos a semente germinar caminharemos para as mais truculentas oligarquias, as ditaduras mais humilhantes. A destruição da Personalidade tem sido um ritmo inorável de marcha. E o mais curioso é que essa marcha se faz em nome da liberdade e numa atitude hipócrita de defesa da Democracia”. Mais adiante declarava ainda:

“No entanto, nós somos os únicos defensores da Democracia, neste doloroso instante em que a Democracia já não existe senão no papel; nas leis ilusórias; nas teorias dos catedráticos; na palavra oficial afirmando-a, ou nos discursos da oposição reclamando-a. Somos os únicos defensores da liberdade humana contra a tirania dos hábitos escravizadores e contra a gradual supressão de toda a originalidade, pela imposição de costumes tendentes a abolir qualquer manifestação do po-

der creador da Personalidade”. Terminava esse prefácio com estas palavras:

“É preciso, antes de tudo, ser inteligente e ser honesto para ler o que você escreveu nestas linhas. Nelas se reflete com clareza o pensamento da nossa revolução. Ver-se-á que somos contrários a Ditaduras, que combatemos todo e qualquer princípio de anulação da personalidade humana, que não queremos destruir a Democracia porém, realizar a verdadeira Democracia. A Democracia Integralista”.

Trago, no momento, Srs. Vereadores, um exemplar desse livro, cujos conceitos deveriam ser lidos e conhecidos, para que de uma vez para sempre se evitassem errôneas repetições contra o sentido perfeitamente democrático do antigo Movimento Integralista em nossa Pátria.

Não posso furtar-me ao dever de indicar aos estudiosos desta Casa a leitura do artigo do sr. Plínio Salgado, intitulado “Integralismo e Democracia”, publicado no jornal *A Offensiva* de 5 de dezembro de 1936, há mais de 10 anos, portanto, que assim começa, literalmente: “O Integralismo é contrário à Democracia? Não, porque, se fosse, o Integralismo seria partidário de uma Ditadura. Então o Integralismo não quer uma Ditadura? Não, porque a Ditadura é o arbítrio de um contra todos”.

Longa seria a exposição de documentos, trechos e transcrições de livros e jornais, demonstrando os rumos democráticos do Integralismo, corrigindo os erros do liberalismo, pela construção de uma Democracia em moldes orgânicos e cristãos.

Srs. Vereadores, quanto mais tenho rebuscado, nestes dias, a opulenta literatura integralista, mais me con venço da grandiosidade da sua obra cultural e social. Tenho para mim que o Integralismo constitui movimento

inédito no nosso campo político-social, e, mais tarde, serenadas as paixões e esclarecidos devidamente os espíritos, far-se-á justiça a esse magnífico movimento cívico-espiritual, que receberá então a palavra da Justiça numa verdadeira consagração.

Devo abordar agora, Srs., a análise rápida de dois argumentos que foram levantados, como capazes de demonstrar a acusação, cuja falsidade acabo de demonstrar, de que o Integralismo é antidemocrático. Refiro-me à afirmação de que o Integralismo preconizava o *partido único* e, aceitando as corporações, revelava-se *antidemocrático*. Pela natureza do assunto, abordarei o tema como fazendo parte de uma interpelação em separado, que passo a examinar trazendo sobre o assunto a luz necessária, proveniente dos autores em que baseio minhas afirmações.

Antes de passar ao estudo em separado do “partido único e as corporações”, em face das interpelações aqui levantadas, quero transcrever o quarto item das preliminares do *Manifesto-programa*, apresentado ao conclave de 23 de Janeiro de 1936 e que passo a expôr:

“IV — O Integralismo não é antidemocrático. Ao contrário, quando condena os partidos é porque visa substituí-los pelas corporações, órgãos que em nossos dias são os únicos capazes de captar e exprimir a vontade popular. O Integralismo, portanto, não é a doutrina ou a apologia da ditadura. O Estado Integral será um Estado forte, não para comprimir as liberdades legítimas e naturais, porém, para garanti-las contra o abuso dos poderosos, preservando a soberania nacional, o bem-estar e a dignidade de cada brasileiro”.

Isto, senhores, foi escrito e aprovado, notem bem, em janeiro de 1936.

INTERPELAÇÃO Nº 3

O partido único e as corporações em face do Integralismo.

Nos documentos básicos do Integralismo, nos seus livros-manifestos ou diretrizes oficiais, nenhuma afirmação existe propondo a defesa ou sequer a aceitação do partido único. O que existe é a condenação aos partidos que dividem a Nação, em grupos de interesses regionais ou estaduais, facilitando e insuflando a luta de classes e enfraquecendo assim a unidade nacional, unidade pela qual sempre se bateu a antiga Ação Integralista Brasileira, sob o princípio da centralização política e da descentralização administrativa. No art. 5º do *Manifesto de Outubro* lembra-se “a frase do lendário Osório, quando escrevia dos campos do Paraguai, dizendo que não reconhecia partidos, porque eles dividiam a Nação e esta deve estar coesa, na hora do perigo”. Mas isto, de modo algum implicaria na aceitação da tese absurda do “partido único”, de aspecto eminentemente totalitário e, portanto, anti-integralista. No artigo 2º do mesmo *Manifesto*, depois de examinar as forças que dividem a Nação, assim estabelece esse Manifesto: “Por isso, a Nação precisa de organizar-se em classes profissionais. Cada brasileiro se inscreverá na sua classe. Essas classes elegem, cada uma de per si, seus representantes nas Câmaras Provinciais e nos Congressos Gerais. Os eleitos para as Câmaras municipais elegem o seu presidente e o prefeito. Os eleitos para os Congressos Provinciais elegem o governador da Província. Os eleitos para os Congressos Nacionais elegem o Chefe da Nação, perante o qual respondem os ministros de sua livre escolha. Nada mais claro, nada mais democrático, nada mais sensato. Poder-se-á divergir desse critério, pois o próprio Integralismo afirma o livre arbítrio. Daí,

porém, inferir-se que o Integralismo preconiza a criação do partido único, é positivamente absurdo.

Os homens de bem que, nesta Casa, representam o povo carioca, não devem ignorar o conteúdo desse documento. Nele se verá que o Integralismo preconizava um sistema representativo, pelo qual a política de São Paulo, de Minas Gerais e da Bahia daria lugar à política do Café, do Açúcar ou do Cacau.

Pode-se divergir desse critério, mas não se tem o direito de desvirtuar a verdade, para tirar conclusões falsas de frases isoladas, indício indiscutível de cega paixão partidária. Como se vê, o Integralismo admitia, como mais vantajosa, a representação por classes, nos moldes das corporações. Daí a acusação levantada de que o Integralismo era fascismo, por adotar as corporações. Nada mais errado, nem mais confuso. O próprio Integralismo, prevendo tal confusão, nas *Diretrizes* publicadas em 1933 e hoje transcritas na página 25 do livro *O Integralismo brasileiro perante a Nação*, frisava a distinção das corporações de caráter integralista em face do fascismo, nos termos seguintes: “O Integralismo é pela organização corporativa, não meramente econômica, à maneira do fascismo, porém, econômico-política exprimindo assim a democracia orgânica”.

Nesta Casa, lembrei que a famosa encíclica *Rerum Novarum*, de Leão XIII, também preconizava as corporações, como mais consentâneas com a realidade social. Esta afirmação provocou acalorados debates. Por isso, dou a palavra agora ao eminente e saudoso professor Lúcio José dos Santos, transcrevendo na íntegra a sua palavra:

“Na encíclica Quadragésimo ano, depois de referir-se ao ‘vício do individualismo’, fala Pio XI, nas associações de classes, nas corporações que o Estado sacrificou e que a prática social deve dedicar-se a reconstituir;

e elogia as corporações, lembrando palavras de Leão XIII.

O mesmo pontífice fala nas vantagens da organização corporativa, como sejam a colaboração pacífica das classes, a repressão das organizações e intentos socialistas. Pio XI combate com energia o erro da economia individualista de esquecer o lado social e moral do mundo econômico. Favoráveis às corporações são também: Leão XIII (na citada encíclica); Pio X (breve ao conde Medolago Albani, a 19 de março de 1904); Bento XV (na carta do cardeal Gasparri ao presidente da União Econômico-social, a 26 de fevereiro de 1915). Como Estado corporativo, pois, o Integralismo está de acordo com a orientação da Igreja”. Mais adiante Lúcio José dos Santos diz ainda: “A Igreja, é ainda Pio XI quem fala, exige apenas que o corporativismo respeite os direitos da personalidade humana, os direitos do cristão, do pai de família e do produtor. Ora, o Integralismo está, nitidamente, perfeitamente, dentro desse quadro traçado pelo incomparável Chefe da Igreja”.

Essa a opinião do grande Lúcio José dos Santos. Constem-na aqueles que tiverem cultura e argumentos para fazê-lo. De minha parte, julgo irresponsável a argumentação desse eminente pensador.

Aos que abordaram o tema do “corporativismo”, nada se nos afigura mais oportuno do que indicar a obra talvez mais completa sobre o assunto, *O século do corporativismo*, de Mihail Manoilescu, professor de Economia política da Escola Politécnica de Bucarest. Autoridade indiscutível no assunto, seu livro mostra as inegáveis vantagens das “corporações” sobre o individualismo do século XIX.

Do prefácio do livro declara o ilustre professor: “O individualismo foi lógico e oportuno no século XIX. Isso entretanto não nos impede de afirmar positivamente

te que ele se tornou ilógico e inoportuno no século XX". E mais adiante: "A concepção corporatista e o conceito do Estado corporativo nos aparecerão assim como necessidades lógicas e imperiosas do século XX. O conceito corporativista representa hoje o futuro, do mesmo modo que o princípio liberal era o futuro em 1789. Dissemos que o corporativismo não se deve confundir com o fascismo. Entretanto, a forma mais conhecida de organização corporativista contemporânea é o fascismo. O fato de corporativismo não haver sido realizado em nossos dias senão na Itália fascista e mais recentemente em Portugal e na nova constituição austríaca, tem feito com que pensadores superficiais admitam entre o corporativismo e o fascismo uma identidade, que absolutamente não existe, se considerarmos os dois sistemas do ponto de vista político e social. Desse erro queremos livrar o leitor.

O fascismo italiano resultou de uma revolução nacional, determinada por causas especiais e tem por objetivo atender aos problemas peculiares do meio nacional em que surgiu. Por esse motivo, o próprio autor do fascismo, nas sua fase revolucionária inicial, declarou ser aquele sistema uma mercadoria que não podia ser exportada".

Constam ainda desse prefácio as seguintes afirmações: "Também demonstraremos que o corporativismo contemporâneo nada tem de comum com o fascismo, embora os seus aspectos econômicos se tivessem desenvolvido em nossos dias sob a vigilância desse sistema".

Vê-se, pois, Srs. Vereadores, que tanto o douto professor Manoilescu, como o Integralismo brasileiro, ou a Igreja, se proclamam as vantagens das "corporações", timbram em esclarecer que de nenhum modo desejam ser confundidos com o fascismo, que adotou as corporações sob o critério meramente econômico, diretamen-

te subordinadas ao arbítrio e à vontade do Duce, a que se subordinava todo o Estado fascista.

Já em 1934, a 9 de agosto, no jornal *A Offensiva*, na 1ª página, sobre o assassinio do chanceler Dollfuss, estampava-se um tópico, começando textualmente assim: "Os recentes acontecimentos austríacos encerram para os integralistas um sentido único, a respeito do qual cumpre evitar equívocos. O heróico Dollfuss, imolado às fúrias partidárias do seu país, é para nós uma advertência e um exemplo. Ele encarnava idéias políticas mais próximas de nós do que as de Mussolini e Hitler. Seu plano de organização do Estado era um corporativismo de base espiritual profunda".

Limito-me, Srs. Vereadores, à citação de fatos e documentos, todos do passado, de um período de mais de dez anos. Os observadores honestos e, sobretudo, os estudiosos, encontrarão, nessas rápidas linhas, seguros lineamentos para o estudo consciencioso destas questões sociológicas. Aos que teimam, porém, em repetir as mesmas acusações, não obstante todos os esclarecimentos fornecidos; para aqueles que seguem o lema: "caluniai, caluniai e alguma coisa ficará", para esses, ao terminar esta parte do meu discurso, quero repetir, Srs. Vereadores, dois pequenos trechos de um artigo do eminente patricio Sr. Plínio Salgado, publicado a 14 de fevereiro de 1936, sob o título: "Nacional Socialismo e Cristianismo Social". Ei-los: "No caso da Alemanha, não tenho dúvida (pelo que tenho lido nos livros nazistas, notadamente no livro de Hitler — *Minha Luta* — e pelo que tenho deduzido das medidas e iniciativas governamentais), que o governo hitlerista está, sem dúvida alguma, infringindo as mais sagradas leis naturais e humanas e dando lugar a que católicos, ciosos do livre arbítrio e da intangibilidade do homem e de sua família, se rebelem contra o Estado. (...) O ascetismo, a mística,

a família, a super-humanização do tipo do Fuehrer, a sua divinização ao ponto de o considerarem, os mais exaltados, a encarnação de Odin, exprime um artificialismo político que foge de toda a base e equilíbrio da razão humana. Nós, os integralistas, que somos coisa absolutamente diferente do nazismo e do fascismo, não nos cansamos de dizer que o nosso fundamento é cristão”.

Termino aqui as respostas mais importantes às interpelações feitas, por envolverem confusões de ordem filosófica ou doutrinária, de onde se originam tantos erros de julgamento do Integralismo e dos integralistas.

Sr. Presidente, Srs. Vereadores: No decorrer do meu discurso procurei focalizar os aspectos filosóficos e doutrinários do Integralismo, cujos princípios agora, por mim recordados, dão-me a certeza de ser aquele movimento perfeitamente democrático, cristão e brasileiro. Prossegurei, respondendo às numerosas interpelações a mim dirigidas pessoalmente, nesta Casa, por ilustres colegas de outras bancadas. Sou naturalmente infenso a questões pessoais, razão por que, somente obrigado por circunstâncias especiais, sou levado a responder a graves acusações feitas nominalmente contra terceiras pessoas.

INTERPELAÇÃO Nº 4

É ou não é verdade que o Sr. Gustavo Barroso entrou em entendimentos com o ministro da propaganda da Alemanha, Sr. Joseph Goebbels? Esta pergunta, entre outras a que também responderei, foi feita pelo Sr. Vereador Carlos Lacerda em aparte ao discurso por mim pronunciado nesta Casa, a 26 de março, como consta do *Diário Oficial* do dia 27 do mesmo mês.

Respondo a S. Ex^a, afirmando que, durante minha

longa convivência no meio integralista e na intimidade mesmo das mais destacadas autoridades daquele movimento, jamais ouvi a mais leve referência sobre esses entendimentos a que se refere o Sr. Vereador Carlos Lacerda. Adianto mais. Nem em relação a Goebbels ou a qualquer autoridade nazista, nem em relação a qualquer outro governo estrangeiro, jamais soube de ligações do Sr. Gustavo Barroso ou de quem quer que seja dos arraiais integralistas.

É evidente que, tratando-se de uma citação nominal, que envolvia referências diretas ao Sr. Gustavo Barroso, membro proeminente da Academia Brasileira de Letras, diretor do Museu Histórico, escritor e historiador de consagrado renome, nada mais natural que me fornecesse S. Ex^a esclarecimentos relativamente às interpelações em apreço, que encerram indiscutivelmente um caráter de líbelo acusatório. Baseado, assim, nas informações que, por escrito, me prestou o Sr. Gustavo Barroso, trago-as ao conhecimento da Casa, devidamente resumidas como cumpre, dada a exiguidade de tempo.

Devo responder, à luz desses informes: — não é verdade que o Sr. Gustavo Barroso tivesse entrado em ligações com o Sr. Goebbels. E para que o assunto fique definitivamente encerrado, passo a expor fatos que serviriam de pretexto para infamantes explorações contra o Integralismo, tais como me foram fornecidos pelo Sr. Gustavo Barroso.

1º) Em fevereiro de 1938, opor ordem do Sr. Israel Souto, a polícia varejou de surpresa a residência do Sr. Barroso e nela deu uma busca que durou seis horas, levando para a Central todo o seu arquivo particular, no qual havia grande quantidade de cartas de escritores e homens eminentes, americanos e europeus, autógrafos preciosos que nunca mais lhe foram restituídos. Esse arquivo estava cheio de documentos que sobremodo

honravam os fins e propósitos integralistas, bem como os meios honestos a que recorriam para sua propaganda. Entre estes, as mais minuciosas contas sobre as despesas com as chamadas “bandeiras políticas”. A polícia só tinha um interesse que era destruir essas provas.

2ª) Em 1945, os Aliados penetraram na Alemanha vencida e se apoderaram de todos os arquivos, ainda mesmo os particulares, como se sabe pelos jornais.

Pois bem, nem lá nem cá, até hoje, se encontrou essa correspondência de Sr. Gustavo Barroso. Se o Sr. Carlos Lacerda a possui que a exhiba.

3ª) O que houve foi o seguinte: a 28 de março de 1934, cinco anos antes da guerra, o conhecidíssimo homem de letras e estudioso de questões sociológicas, o alemão Conde de Reventlow, presidente de uma associação particular de estudos denominada Aliança Racista Européia, com sede em Berlim, que se propunha o fim especial de combater a ação da Aliança Israelita Universal, fundada em Paris pelo Sr. Adolfo Cremieux, escreveu uma carta ao Sr. Gustavo Barroso (então membro destacado da Ação Integralista Brasileira, como da Academia Brasileira de Letras, exercendo o elevado cargo de diretor do nosso Museu Histórico). Pedia-lhe na mesma informações sobre um movimento político lançado no Brasil pelo Sr. J. Fabrino e sobre o recém-nascido Integralismo, que legalmente funcionava no país, e era elogiado nas páginas do *Correio da Manhã*, em artigos de Custódio de Viveiros e Costa Rego. Depois de mostrar essa carta a várias pessoas, entre as quais o Sr. Plínio Salgado, o Sr. Gustavo Barroso respondeu-a, dando as informações pedidas, sem pormenores, o que absolutamente não constituía o menor crime, tanto assim que o Conde Reventlow a traduziu em alemão e estampou na revista do seu grupo, que ele próprio dirigia, “Reichswart”.

A 27 de maio de 1938, com grande estardalhaço e maior perversidade, o *Correio da Manhã* publicou, em coluna aberta, a página da revista “Reichswart” sob títulos venenosos e espetaculares: “Esperamos suas instruções! Assim se expressou o Sr. Gustavo Barroso, com ordem do Sr. Plínio Salgado, em carta a uma Associação estrangeira”. E acrescentava que a Aliança Racista Européia era um departamento do Partido Nazista.

Os brasileiros visados por essa tendenciosa publicação estavam no momento impossibilitados de defender-se. O Sr. Plínio Salgado refugiara-se em São Paulo, evitando as perseguições policiais. O Sr. Gustavo Barroso encontrava-se injustamente preso e incomunicável nas masmorras da ditadura, a fim de pagar sua inimizade pessoal com o Sr. Francisco Campos, que nele se vingava da derrota que lhe impusera em suas pretensões à Academia Brasileira. A prova é que foi, pela própria polícia, após quase quatro meses de detenção e interrogatórios, *excluído* do processo, o que é mais do que ser absolvido. O *Correio da Manhã* devia se envergonhar de, num transe tão difícil, ter procurado enxovalhar o bom nome de um escritor brasileiro de vida pública limpa, seu antigo colaborador, cujo patriotismo está mais do que provado na sua ação política e social, como na sua vasta obra literária. Foi essa publicação infame que alguns elementos desclassificados covardemente aproveitaram para, quando da declaração de guerra do Brasil à Alemanha, pôr o nome do Sr. Gustavo Barroso no pelourinho, como se ele fosse um vil traidor da sua pátria. Contudo, nunca o Sr. Gustavo Barroso fez sequer uma campanha de imprensa ou uma propaganda a favor da Alemanha ou do Nazismo. Condecorado pelos governos da Tchecoslováquia, da Noruega, da Polônia, da Bélgica e da França, escolhido pela Inglaterra para a cadeira de membro efetivo da sua Academia de Letras,

a Royal Society, o Sr. Gustavo Barroso não pertence a nenhuma associação ou instituto, mesmo cultural, da Alemanha, com exceção da Academia de Direito Internacional de Berlim, a que o levou há muitos anos sua atuação como Secretário da Junta de Jurisconsultos Americanos no Rio de Janeiro.

O *Correio da Manhã* deu à publicidade o texto alemão do "Reichswart", seguido de uma tradução horrível, feita naturalmente na própria redação.

Srs. Vereadores:

Resumindo as informações a mim prestadas pelo Sr. Gustavo Barroso, devo concluir com os seguintes esclarecimentos: a carta do Sr. Gustavo Barroso foi escrita em francês; foi traduzida para o alemão pelo respectivo destinatário, que deu publicidade em sua revista do texto em questão; o *Correio da Manhã* traduziu do alemão para o português, vindo esta última tradução repleta de erros, propositados ou não. Entre esses erros destaca-se como principal a adulteração do texto, a frase "*Esperamos suas instruções*", quando, em verdade, o Sr. Gustavo Barroso, no texto original, em francês, escrevera textualmente "*nous attendons des explications*". Para comprovar ainda a intenção maliciosa dessa tradução, vale citar um dos trechos da carta em questão, no texto original em francês, que se lê: "*Le mouvement dirigé pour Mr. Fabrino ne peut plus être envisagé d'une base doctrinaire suffisante.*" Pois bem, na publicação do *Correio da Manhã*, esse trecho foi assim traduzido: "O movimento do Sr. Fabrino não se deve tomar a sério. Faltava-lhe força e moral e ele não existe mais". Além disso, não contando ainda os numerosos erros fáceis de notar por qualquer aluno de curso primário, essa tradução publicada suprime uma frase em que o Sr. Gustavo Barroso fala de "fascistas e nacionalistas do mundo", suprime a palavra nacionalistas para generalizar o ter-

mo *fascistas*, numa flagrante e incontestável desonestidade.

Foi essa carta o motivo para as mais soezes explorações contra o Sr. Gustavo Barroso e ainda o Integralismo e os integralistas. O Sr. Gustavo Barroso autorizou-me a declarar que assume absoluta responsabilidade do texto original em francês, da referida carta. Declara ainda mais que assume, como sempre assumiu, completa responsabilidade por suas idéias e atitudes pessoais, aceitando que seja esclarecido se estiver em erro, mas jamais tolerando que seja caluniado. Exerceu sempre altos cargos na administração pública e, no exercício dos mesmos jamais teve uma nota desabonadora. Em seus livros somente tem cultuado e defendido as tradições brasileiras, procurando sempre honrar o seu país.

Autorizou-me, enfim, o Sr. Gustavo Barroso a reportar, em nome de sua honra pessoal, o ilustre colega, Sr. Carlos Lacerda, a provar a existência de qualquer correspondência sua com o Chefe da Propaganda nazista, no caso o finado Goebbels ou com qualquer outra personalidade oficial do Nazismo.

Creio, porém, que o caso não é para repto. O Sr. Vereador Carlos Lacerda apenas perguntou: "É ou não verdade que o Sr. Gustavo Barroso entrou em entendimentos com o ministro da propaganda da Alemanha, Sr. Joseph Goebbels?"

Respondo a S. Ex^a declarando que não é verdade, que é uma requintada mentira afirmar-se a existência de tais ligações. Essa, como tantas outras insinuações levantadas com o fim de destruir e arrazar os alicerces morais do antigo Movimento Integralista, tem sido inspiradas no ódio de adversários que não olham meios para atingir os fins desejados.

Passarei agora à resposta de outra interpelação, que também deve ser esclarecida devidamente.

Como decorrência natural dos pontos abordados anteriormente, no caso relativo ao Sr. Gustavo Barroso, sou naturalmente levado a esclarecer uma das questões mais exploradas pelos adversários do Integralismo. Refiro-me à questão racista. Dado o elevado nível cultural desta Casa, quase desnecessário seria fazê-lo uma vez que, expostas as bases eminentemente cristãs da doutrina integralista, óbvio será que essa doutrina não pode aceitar de modo algum princípios racistas incompatíveis com o Cristianismo e portanto, com a verdadeira Democracia. Limitar-me-ei, porisso mesmo, a aduzir algumas opiniões emitidas pelo Sr. Plínio Salgado, interpretando a questão sob o prisma do Integralismo, e isso no ano de 1934. O Sr. Lindolfo Color, no seu livro *Sinais dos Tempos*, editado em 1942, à p. 218, cita a reprovação que o nazista Karl Heindrich Hunsche, teuto-brasileiro, faz ao Integralismo brasileiro, por não aceitar os princípios racistas. O nazista Hunsche, citado pelo Sr. Lindolfo Color, afirma dogmaticamente: “os integralistas cometem o erro de se enquadrarem no velho espírito nativista do Brasil”. Mais adiante, lê-se na mesma página: “Para os nazistas, a concepção de um *melting-pot* de raças, tendendo à unidade da língua e do caráter nacional, é uma “fraqueza liberaloide”, da qual o integralismo não conseguiu desfazer-se ainda”. E o Dr. Hunsche dogmatiza: “É claro que o integralismo, que pretende ser um movimento de política prática, jamais poderá mostrar-se em público apoiado em argumentos usados pelo nativismo brasileiro antes da grande guerra e, em formas ainda piores, durante a conflagração”. E o Sr. Lindolfo Color continua afirmando que se o Integralismo quisesse viver e prosperar, de acordo com o nazista Hunsche, teria que aceitar a idéia das

minorias raciais. O Integralismo, porém, jamais aceitou a idéia de tais minorias, como é do conhecimento de todos os estudiosos do assunto.

Referências semelhantes vamos encontrar no livro *Uma cultura ameaçada — a luso-brasileira*, do insuspeitíssimo Sr. Gilberto Freyre, 2ª edição, 1942, p. 87. Refere-se o autor ao geógrafo nazista Reinhard Maack que, na revista de professores e estudantes da Universidade de Harward (E. Unidos), já havia expendido suas idéias racistas — e sobre estas manifesta-se o Sr. Gilberto Freyre nos seguintes termos: “O geógrafo Maack atribui essa idéias universalistas, para ele absurdas, ao próprio movimento integralista, recordando, com indignação, que um dos chefes teuto-brasileiros do extinto partido teria exclamado, em discurso em Blumenau: ‘Na época de completa fraternização de toda a família brasileira num Estado integral, não haverá mais diferenças de raça e de cor’. Para nós, um dos pontos simpáticos e essencialmente brasileiros do programa daquele movimento. Para o geógrafo Maack: *heresia das heresias*. Os homens de raça e de cultura germânica, sob a orientação nazista, não se submeteriam nunca a semelhante confraternização de raças e de costumes, dentro das tradições portuguesas que se tornaram estruturais para o desenvolvimento brasileiro”.

Essas palavras do Sr. Gilberto Freyre dispensam comentários.

Ouçamos, agora, a palavra autorizada do Sr. Plínio Salgado, definindo a atitude do Integralismo em face dessa questão, de transcendente importância.

Antes de fazê-lo, porém, devemos lembrar que contra o transformismo darwiniano se levantou a figura de Pasteur, e que a tese de raças superiores e raças inferiores foi levantada no século passado pelo francês conde de Gobineau. No famoso congresso de 1901, em Ber-

lim, que se decidiria pelo “monogenismo”, o professor Branco, diretor do museu de paleontologia, sustentou vitoriosamente que o homem é de uma raça especial: *homo-novos*. Mais tarde, em 1911, reuniu-se em Londres o congresso das raças. O Brasil foi representado por D. João Batista de Lacerda. Duas teses foram vitoriosas: 1) — a raça humana tem uma única origem; 2) — não há raças superiores nem raças inferiores, mas raças adiantadas e raças atrasadas. Inaceitáveis portanto, os princípios racistas de Gobineau ou do Sr. Rosenberg.

Respeitando a liberdade e a dignidade da pessoa humana, o Integralismo a nenhum dos seus adeptos cerceava o livre direito da manifestação do pensamento. Havia questões fechadas sobre princípios básicos, como a adoção da filosofia espiritualista e o conceito cristão de Democracia. Sobre qualquer assunto, manifestava-se o pensamento da organização, definindo os rumos adotados. Leiam-se livros e artigos do Sr. Plínio Salgado e jamais se encontrará nesses livros ou artigos, nem nos documentos básicos na antiga A.I.B., qualquer apologia do racismo. Ao contrário. Encontramos repetidas afirmações de que o Integralismo jamais aceitaria qualquer preconceito de raça. Leia-se, por exemplo, o artigo que já citei nesta Casa, sobre a morte do chanceler Dolffuss, publicada em *A Offensiva*, de 9 de agosto de 1934. Mas Dolffuss é uma advertência. Sua sorte é a dos homens que, embora esclarecidos de idéias, não matam em torno de si as serpentes que mais tarde os devoram.

Dolffuss não soube aniquilar em tempo o Nacional Socialismo do seu país. Esse partido, cuja insurreição está fracassada, mas que teve tempo de privar da vida o defensor da Áustria, não é o portador senão de uma idéia indiferente aos integralistas brasileiros: a união dos paí-

ses germânicos ao centro europeu. Essas idéias que se apoiam em uma face da política racial, própria do hitle-rismo, mas estranha ao Integralismo, não merece nem mesmo de nossa parte qualquer simpatia”.

Meditem sobre estas palavras. Mas não é tudo. Plínio Salgado, sentindo as incompreensões e ataques dirigidos ao nascente Movimento Integralista, traçava a 24 de abril de 1934 a diretriz e esclarecia definitivamente a posição do Integralismo em face das questões raciais. Esse documento foi transcrito no número de abril e maio de 1936, na revista *Panorama*, de onde transcrevemos os trechos que transmitirei aos meus nobres colegas:

“Não sustentamos preconceitos de raça; pelo contrário, afirmamos ser o povo e a raça brasileiros tão superiores como quaisquer outros. Em relação ao judeu, não nutrimos contra essa raça nenhuma prevenção. Tanto que desejamos vê-la em pé de igualdade com as demais raças, isto é, misturando-se, pelo casamento, com os cristãos. Como estes não são intransigentes nesse sentido, desejamos que tal inferioridade não subsista nos judeus porque uma raça inteligente não deve continuar a manter preconceitos bárbaros.”

“Nessas condições, não podemos querer hoje mal ao judeu, pelo fato de ser o principal detentor do ouro, portanto principal responsável pela balbúrdia econômico-financeira que atormenta os povos, especialmente os semicoloniais como nós, da América do Sul. O judeu-capitalista é igual a um cristão-capitalista; sinais de uma época de democracia liberal. Ambos não terão mais razão de ser porque a humanidade se libertará da escravidão dos juros e do latrocínio do jogo das Bolsas e das manobras banqueiristas. A animosidade contra os judeus é, além do mais, anticristã e, como tal, até condenada pelo próprio catolicismo. A guerra que se fez a essa raça na Alemanha, foi, nos seus exageros, inspira-

da pelo paganismo e pelo preconceito de raça. O problema do mundo é ético e não étnico”.

Estas palavras foram escritas em abril de 1934!

Continuo, Senhor Presidente, respondendo a todos os quesitos formulados nesta Casa por ilustres colegas, todos levantados contra o antigo Movimento Integralista. As acusações feitas durante longos anos, repetidamente, só agora podem ser respondidas, no dealbar da nossa jovem e incipiente Democracia. Ocupar-me-ei, a seguir, de mais uma das indagações levantadas nesta Casa pelo ilustre Sr. Vereador Carlos Lacerda e que, na ordem que venho seguindo será por mim classificada como:

INTERPELAÇÃO Nº 6

No dia 26 de março p. findo, como consta do *Diário Oficial* do dia 27 do mesmo mês, o Sr. Carlos Lacerda, referindo-se aos integralistas, deu-me o seguinte aparte:

É ou não verdade que V. Ex^{cia} colaboraram com os alemães no afundamento dos navios brasileiros?

Diante de uma insinuação de tal gravidade, qualquer brasileiro medianamente sensato e honesto não poderá calar-se. Atribuir-se a brasileiros dos mais dignos e patriotas, pelo fato de ser integralista, a colaboração em atos tão repulsivos, representaria verdadeira ausência de qualquer sensibilidade moral.

Esta pergunta, pois, traz no seu bojo a pérfida propaganda feita na imprensa e no rádio pelo famigerado Departamento de Imprensa e Propaganda, de gloriosa memória. Respondo, pois, frente a frente aos meus nobres colegas desta Câmara, que qualquer brasileiro que se educasse ou se reeducasse nos sagrados princípios de Deus, da Pátria e da Família, jamais poderia assumir qualquer atitude de menos dignidade ou fidelidade ao

Brasil. Não quero ser longo nesta resposta. Não preciso prolongar estes esclarecimentos. Dou a palavra aos integralistas mortos gloriosamente nas águas do Atlântico. Antes, porém, relembro o comandante Gerson Macedo Soares, integralista do E. Maior da nossa esquadra em operações no Atlântico, a quem Roosevelt fez questão de apertar a mão para testemunhar-lhe sua admiração especial, pela bravura dos marujos brasileiros. Entre outros, quero citar alguns nomes de velhos companheiros do saudoso e glorioso Movimento Integralista, mortos no cumprimento do dever. Desfilam pela minha lembrança, recebendo o calor da minha admiração e do meu permanente entusiasmo:

— João Soares da Silva, comandante do *Baependy*, conhecido nas rodas da Marinha Mercante, como já o disse desta tribuna, na memorável sessão do dia 8 de maio, como “João Sabe Tudo”;

— Manuel Duarte Cordeiro Filho, imediato do *Aníbal Benévolo*;

— Pedro Veloso, comandante do *Cabedelo*, desaparecido em lugar ignorado, provavelmente nas águas do Mediterrâneo;

— Dr. Carlos Ramos de Azambuja, que gozava da estima particular do Sr. Plínio Salgado, médico do *Araquara* e, deste mesmo vapor, o 1º comissário Enock Sandes de Oliveira e Silva, o 1º cozinheiro Francisco Xavier, o Chico como era conhecido, e o paioleiro Irineu Pereira da Silva;

— Durval Batista dos Santos, 2º comissário do *Aará*. Entre outros, civis e militares, tripulantes e marujos que se encontravam nos navios torpedeados. Parte desses nomes consta da entrevista do Deputado Goffredo Silva Teles ao *Radical*, edição de 25-12-1946.

Diante desses integralistas, sepultados para sempre no Atlântico, não há necessidade de palavras.

Convém, entretanto, não esquecer o telegrama dirigido ao então Ministro da Guerra, a 22 de agosto de 1942: — “A gravidade deste momento nacional, tão eloquentemente expressa no manifesto de V. Ex^a ao Exército, impôs-nos esta atitude de plena solidariedade às classes armadas da Nação, exortando-lhe, na pessoa de V. Ex^a, a que não nos recusem o direito de ser os primeiros a nos sacrificarmos, sem distinção de classe ou idade, pela soberania nacional. Respeitosas saudações. — *Raymundo D. Padilha. — Gustavo Barroso. — Miguel Reale. — Machado Florence. — Marcos Souza Dantas. — Marcel da Silva Teles. — Milton F. de Carvalho. — Alcebiades Delamare. — Amaro Lanari. — Henrique Brito Pereira. — Rodolfo Josetti. — Sílvio Rêgo. — Jorge Brisola. — Paulo Lomba Ferraz. — Queiroz Ribeiro. — Filemon Cordeiro. — Severino Rezende. — Aristóbulo Soriano de Melo. — Ordival Gomes. — Custódio Viveiros. — Nunes da Silva. — Alfredo Luiz Greve. — Henry Leonardos. — Maurílio Melo. — Vicente Megiolaro.*”

Convém não esquecer, sobretudo, que telegrama idêntico foi dirigido no dia imediato, 23 de agosto de 1942, ao chefe do governo, Sr. Getúlio Vargas, a quem também Plínio Salgado, do exílio, remetera, em 1943, um Manifesto definindo mais uma vez a atitude dos seus antigos correligionários. Nem esse Manifesto, nem aquele telegrama foram dados à publicidade pelo Governo, mas, ao contrário, toda a publicidade girava em torno da desmoralização dos elementos que compunham a antiga Ação Integralista Brasileira.

Não devemos também esquecer a contribuição que os integralistas deram à Força Expedicionária Brasileira. Integralista era o bondoso capelão frei Orlando, sepultado em Pistóia. Antes de partir, frei Orlando procurou Raimundo Padilha, a quem, ao despedir-se, teste-

munhou sua quase certeza interior de que não voltaria. Também não voltou o inesquecível e bravo Basílio Zechim Júnior, integralista, nem Moacir Rodrigues, meu particular amigo, desaparecido, no afundamento do *Baependy*. Integralistas eram também esses que voltaram trazendo medalhas e condecorações, muitos dos quais condecorados cinco vezes, como o Tenente Manuel Machado Santos, Mário Montanha, ferido em campanha, Francisco da Silva Prado e ainda José Teixeira Coelho. Destacaram-se ainda na luta integralistas como João Luís Salgado, Celso Passini, Sílvio Cavalcanti, João José Ciríaco, Henry Maia Franco Jesse, Renato Dias Batista, Luís Francá, Júlio de Moraes, Anaxágoras de Sousa Dantas, Mauri de Castro, Moacir Miranda, Eugênio Paiva, Osvaldo Monteiro, Nestor Lício, Floriano da Silveira e muitos outros. Que esses fatos, Srs. Votadores, sirvam para pôr um ponto final nessas torpes infâmias que atribuem a brasileiros integralistas atitudes indignas contra o Brasil, contra os seus irmãos brasileiros e contra os seus próprios companheiros de ideal.

INTERPELAÇÃO Nº 7

“É ou não verdade que o Senhor Miguel Reale, atualmente um dos principais colaboradores do governo do Sr. Ademar de Barros, publicou uma série de livros nos quais defende:

- a) O Partido Único
- b) Cessação da liberdade de imprensa;
- c) Pena de Morte;
- d) Sistema unitário, contrariando toda a tradição e toda a convicção federalista no Brasil;
- e) Ditadura, dentro da qual o Senhor Plínio Salgado seria o Deus e o Sr. Gustavo Barroso seu Messias.”

Não tenho, Sr. Presidente, procuração do Sr. Miguel Reale para esclarecer qualquer ponto de vista que tenha ele porventura defendido em seus livros. O Sr. Miguel Reale, antes de seu ingresso no Integralismo, fora militante nos arraiais do marxismo, como é sabido. Com o advento do Estado Novo e as perseguições aos integralistas, desligou-se praticamente de qualquer convívio ou ligação com os antigos dirigentes da extinta A.I.B., sendo prestigiado pelo governo estadonovista em sua investidura como professor na Faculdade de Direito de São Paulo. Mais tarde, em março ou abril de 1945, vêmo-lo atacando o Sr. Getúlio Vargas, a cujo governo servira anteriormente em importante setor da administração bandeirante, e agora "um dos principais colaboradores do governo do Sr. Ademar de Barros". O Movimento Integralista sempre se caracterizou por proclamar o máximo respeito à liberdade da pessoa humana. A não ser em pontos fundamentais de doutrina, a maioria dos problemas constituía, quase sempre, questão aberta, manifestando cada um seus pontos de vista. Não conheço as afirmações do Sr. Reale acima citadas. Se houve afirmações da tal ordem, evidentemente S. Ex^a errou em relação à doutrina integralista, o que seria tanto mais de lamentar-se tratando-se de pessoa cujo nível intelectual é reconhecidamente elevado. O fundamental é que jamais se preconizou, entre os integralistas, o advento da pena de morte, contrária à índole de nosso povo. Tampouco se pleiteava a existência do partido único, mas a substituição dos partidos pelas corporações, como atrás ficou devidamente esclarecido.

Quanto ao unitarismo citado, devo frisar que a doutrina integralista se fundamentava na "centralização política e descentralização administrativa". Outrossim, sempre se condenou qualquer forma de messianismo, o que foi admiravelmente focalizado no magistral artigo

de Plínio Salgado intitulado "O Elogio da Ausência". Finalmente, em relação à pergunta sobre a "Cessação da liberdade de imprensa", para que fique bem claro o assunto, não me furto ao prazer de ler para os meus ilustres colegas desta Câmara, o "Código de Ética Jornalística" aprovado pelo Congresso de Imprensa de Belo Horizonte, em 1936, e que estatuiu as seguintes normas para os jornalistas e para a Imprensa:

I — Não escrevas sem conheceres o assunto de que trata.

II — Faze do jornal um órgão ativo de educação e criação e jamais um órgão passivo, escravizado às massas.

III — Respeita o teu leitor; ele confia na tua informação; sê verdadeiro e justo.

IV — O século 19 foi o século do jornal disponível, a praça pública, onde se erguiam as vozes de todas as opiniões; mas este século, cheio de angústias, é o século do jornal doutrinário, porque o povo quer se orientar.

V — Uma grande "manchete" escandalosa pode render mais alguns níqueis no balcão, mas isto pode custar o preço da dignidade de um jornal.

VI — Pensa três dias antes de publicares um ataque pessoal; ao fim de três dias, mesmo quando esse ataque for considerado justo, substitui, se puderes, esse artigo por uma página doutrinária.

VII — Risca do teu dicionário toda palavra caluniosa, injuriosa, imoral, grosseira; é uma questão de higiene e de decência, de nobreza e de estética.

VIII — Eleva-te; verás melhor e todos te verão melhor.

IX — Quando tratares de fatos concretos pergunta-te: — tenho as provas?

X — Sempre que tratares de uma questão técnica, especializada, em que não sejas profundo, não te entre-

gues ao critério de um único especialista: muitos jornais honestos adquiriram injusta fama de venalidade, porque seus diretores não tiveram essa precaução.

XI — Cuidado com os amigos, mais do que com os inimigos; estes já os conheces, mas aqueles podem, até mesmo de boa fé, servir a interesses desconhecidos ou inconfessáveis.

XII — Defende e prestigia a tua classe; sê solidário com os teus colegas; e ao teu próprio adversário, se ele é digno, rende-lhe as homenagens nos limites da tua dignidade, socorre-o nos momentos em que se tornar necessário o teu concurso.

XIII — Não disfarces com a neutralidade da matéria paga qualquer publicação que contrarie a orientação do teu jornal.

XIV — Lembra-te de que o teu jornal tem ingresso nas casas das famílias brasileiras, evita tudo que puder ofender a dignidade de olhos e ouvidos cristãos.

XV — Não acredites que a mentira possa prestar serviços à tua causa; a verdade pode não conseguir as primeiras vitórias, porém a última sempre lhe pertence.

XVI — É uma injúria ao povo e um grande erro dizer que um jornal precisa descer de nível para que o público o compreenda: crê nas poderosas intuições do povo e estimula nele a consciência do seu valor em vez de deprimi-la.

XVII — Evita a exploração do sensacionalismo; além de constituir um comércio da desgraça alheia, é um incentivo pernicioso aos espíritos fracos.

XVIII — Realiza a independência financeira do teu jornal; a imoralidade da redação procede sempre da penúria da gerência.

XIX — Defende a liberdade da imprensa mas não confundas liberdade com o direito de calúnia, de injúria, de mentira e venalidade.

XX — Escreve como se escrevesse com o teu próprio sangue, à luz de tua própria alma.

XXI — Quando te sentares à tua mesa, para escrever aos teus concidadãos, lembra-te que toda a tua dignidade profissional decorre de estares em função dos superiores interesses nacionais.

Acabo, Sr. Presidente, de trazer ao conhecimento da Casa o Código de Ética jornalística, aprovado pelo Congresso de Imprensa, que se realizou em 1936, em Belo Horizonte, sob os auspícios dos membros da antiga Ação Integralista Brasileira. Nele se contém, Srs. Vereadores, o pensamento do Integralismo em relação à Imprensa, dando a esta e à sua grandiosa missão a maior altitude. Oportuno pois se torna responder a uma das mais graves interpelações levantadas pelo ilustre colega Sr. Vereador Carlos Lacerda, que passo a responder:

INTERPELAÇÃO Nº 8

É ou não verdade que o financiamento da Ação Integralista Brasileira foi feito por meio de uma transação financeira efetuada com o Banco Alemão Transatlântico desta cidade? — Esta indagação foi feita em aparte ao discurso que pronunciei nesta Casa no dia 27 de março, poucos dias após o início dos nossos trabalhos, e consta dos debates publicados no *Diário Oficial* do dia 28 do mesmo mês. Respondo afirmando que é deslavada mentira qualquer financiamento da Ação Integralista Brasileira pelo Banco Alemão Transatlântico ou por qualquer estabelecimento congênere. No período de guerra o governo brasileiro realizou intervenção nos estabelecimentos e firmas subordinados às nações do Eixo. Foi interventor no Banco Alemão Transatlântico, o ilustre homem público Sr. Virgílio de Melo Franco, e esse honrado brasileiro, conversando mais tarde com ilustre

parente seu e nosso amigo comum, declarou nada haver encontrado, em todas as pesquisas do citado Banco, que autorizasse a afirmação de qualquer ligação do mesmo com o Movimento Integralista. Cito testemunho insuspeito de um dos brasileiros mais dignos e cuja palavra não pode merecer senão o máximo crédito. No caso do Banco Alemão Transatlântico, os fatos são ainda de importância maior. Representam uma fragorosa derrota do *Correio da Manhã*, chamado a juízo pela antiga Ação Integralista Brasileira, que esclarecendo devidamente todas as acusações, levantadas por aquele grande matutino, pela voz técnica de peritos abalisados, demonstrou irretorquivelmente a solécia e o açodamento das agressões infundadas contra o Movimento Integralista, que, pelo cunho de civismo e pelas realizações no campo social e político, constitui um dos maiores exemplos da capacidade criadora e realizadora do nosso povo. Não devo alongar-me nestas considerações. Limitar-me-ei a ler para esta Câmara o que se contém no número do dia 22 de outubro de 1937, no jornal *A Offensiva*, em sua primeira página, sob epígrafe — Cai por terra mais uma calúnia — e que conclui na terceira página. Trago a fotocópia desse editorial, que esclarece definitivamente o assunto e não posso deixar de estranhar que justamente fosse o Senhor Vereador Carlos Lacerda, um dos mais renomados redatores do *Correio da Manhã*, que levantasse essa questão, sem dúvida uma página triste da vida do grande órgão da imprensa carioca. Faço a seguir, valendo-me dos meios regimentais, a leitura do referido editorial, como se segue:

Cai por terra mais uma calúnia

“A perícia destrói as acusações do *Correio da Manhã* — Reconhecida a honestidade do Empréstimo do

Sigma — Fez-se um exame total no Banco Alemão, conforme os desejos do matutino carioca — O texto do importante laudo.

O *Correio da Manhã*, conforme é do conhecimento público, levantou contra a Ação Integralista Brasileira uma acusação caluniosa, afirmando que esta havia descontado a totalidade das promissórias do Empréstimo do Sigma, no valor de seis mil contos de réis, no Banco Alemão Transatlântico, sendo essa operação autorizada pelo governo da Alemanha.

A Junta Executiva do Empréstimo veio, no dia imediato, pelas colunas desta folha, oferecendo a lista de todos os Bancos que tinham aceitado o serviço de entrega das referidas promissórias, percebendo, tais estabelecimentos de crédito, as porcentagens usuais. Verificava-se, por essa enumeração oferecida pela Junta Executiva do Empréstimo que o Banco Alemão Transatlântico era, justamente, em meio a tantos Bancos nacionais, um dos que se incumbiam da cobrança de menor número de promissórias, num total insignificante de vinte e sete contos e trezentos mil réis. Apesar disso, voltaram os caluniadores e pelas colunas do *Correio da Manhã*, em editorial, foi repetida a acusação. Diante disso, a Ação Integralista Brasileira chamou o Juízo do *Correio da Manhã* a fim de que indicasse peritos para um exame de escrita do Banco Alemão Transatlântico.

Comparecendo em Juízo (não sem algumas dificuldades dos oficiais de justiça) o *Correio da Manhã*, por seu advogado, fez uma exposição doutrinária sem nenhuma oportunidade, terminando por dizer que desejava uma devassa em toda a escrita do Banco Alemão, ao que o advogado da Ação Integralista respondeu requerendo ao Juiz que fosse feito, como bem quisesse o *Correio da Manhã*. Vendo as coisas mal paradas, o advogado do matutino abandonou a audiência, decla-

rando que não indicaria peritos. Em face dessa situação, o juiz resolveu, ele mesmo, nomear peritos de sua confiança. Foi o que fez, determinando que os mesmos fizessem tal qual exigira o *Correio da Manhã*: exame total de tudo quanto fosse livros, fichários, correspondência, papéis do Banco Alemão. A perícia foi feita, minuciosamente, demoradamente, conscienciosamente e o laudo pericial, que acaba de ser julgado pelo juiz, constitui uma vitória para o Sigma e um desmascaramento completo dos caluniadores do *Correio da Manhã*. Caiu assim, por terra, mais esta infâmia contra o Integralismo. Muitas se têm seguido, e, como esta, rolando na lama de que provieram. Outras, por certo, virão, porque essas são as armas dos adversários do Movimento Redentor. Mas o povo brasileiro vai se convencendo dia a dia, de que os demagogos de certa imprensa que pretende orientar a opinião pública não passam de veiculadores de mentiras grosseiras. E é por isso que o Integralismo cresce, avulta e domina nesta terra de vergonhosas torpezas e confusões. Vejamos pois:

O laudo

Juízo da 6ª Pretoria Cível — Juíz, o Exmo. Sr. Dr. Carlos Robillard de Marigny — Escrivão, Paulo Cleto Bezerra — Ação Integralista Brasileira, Suplicante — Banco Alemão Transatlântico — Ministério Público, Suplicados.

Ação Integralista Brasileira — Os signatários deste, peritos louvados e aprovados para o exame de livros e documentos, na Contabilidade e no arquivo do Banco Alemão Transatlântico, a requerimento da Ação Integralista Brasileira contra o *Correio da Manhã*, tendo procedido a diligência com as formalidades legais sob a presidência do referido Banco, passam a responder aos

questitos formulados pela requerente da diligência da seguinte forma:

Livros e documentos apresentados

Livro "Diário" — Contém este livro trezentas (300) folhas e encontra-se selado, numerado e rubricado. Seu termo de abertura é datado de 24 de fevereiro de 1937 e o de encerramento de 13 de março de 1937, pelo Departamento Nacional de Indústria e Comércio. Este livro está escriturado em boa forma mercantil, sem vícios que prejudiquem seus lançamentos. Contém, por forma sintética de fls. 2 a fls. 164, as operações do mês de março de 1937 até 21 de agosto do corrente ano.

Copiador de Cartas nº 16 — Contém 500 (quinhentas) folhas e está revestido das formalidades extrínsecas, registrando de fls. 1 a 250, cópia da correspondência expedida de 20 de maio de 1935 a 1 de outubro de 1937.

Fichário da Conta "Letras Descontadas" — Está organizado por meio de fichas apropriadas e colecionadas em ordem alfabética, contendo os nomes e a discriminação dos títulos de todos os clientes, responsáveis por operações de descontos.

Fichário da Conta "Letras em Caução" — Está igualmente organizado por meio de fichas apropriadas e colecionadas alfabeticamente, contendo os nomes e a discriminação dos títulos dos clientes em contas de caução.

Fichário da conta "Letras a cobrar-Interior" — Está também organizado por meio de fichas, como os dois fichários anteriores. Contém os nomes dos cedentes de títulos entregues ao Banco para cobrança simples no interior e a discriminação desses mesmos títulos.

Extrato da conta "Letras descontadas" — Trata-se do levantamento da conta "Letras descontadas", apresentando um saldo em 30 de setembro de 1937, de Rs.

23.077: 123\$000 que estava de acordo com o balancete da Razão da mesma data.

Extrato da conta "Letras em Caução" — Trata-se do levantamento da conta "Letras em caução", em 30 de setembro de 1937, apresentando um saldo de Rs. 45.933:144\$900 que estava de acordo com o saldo de Balancete de Razão, de 30 do mesmo mês.

Balancete de Razão de 30 de setembro de 1937. Colecionadores de cópias de correspondência expedida. Fichas de lançamentos de contabilidade. Quesitos apresentados pela Ação Integralista Brasileira.

Primeiro

Da perícia procedida nos livros, documentos, correspondência, "bordereaux" e demais papéis ou fichas de caixa ou de diário resultam indícios ou provas de que a Ação Integralista Brasileira, em qualquer tempo houvesse *descontado* ou *caucionado* no Banco Alemão Transatlântico, títulos do chamado "Empréstimo do Sigma", ou mesmo de outra qualquer espécie, como sejam letras de câmbio, notas promissórias, duplicatas, ou ainda instrumentos de crédito de outra natureza, tais como bilhetes de mercadorias, conhecimentos de depósitos, "warrants", ações ou "debentures"?

Resposta — Em face do que foi visto e examinado nos livros e documentos pedidos e apresentados pelo suplicado Banco Alemão Transatlântico, respondemos que, da perícia procedida, não resultam indícios ou provas de que haja a Ação Integralista Brasileira descontado ou caucionado títulos do chamado "Empréstimo do Sigma", ou de outra qualquer espécie relativamente às demais indagações do primeiro quesito.

Segundo

De que espécie de serviço foi o Banco Alemão Transatlântico incumbido pela Ação Integralista Brasileira, com referência ao chamado "Empréstimo do Sigma"?

Resposta — O suplicado, Banco Alemão Transatlântico, foi incumbido pela suplicante Ação Integralista Brasileira, de realizar a cobrança dos importâncias subscritas pelos tomadores do chamado "Empréstimo do Sigma" contra a entrega dos respectivos títulos.

Terceiro

Quantas promissórias entregou a Ação Integralista Brasileira ao Banco Alemão Transatlântico para efetuar o recebimento das quotas subscritas pelos tomadores dos títulos do chamado "Empréstimo do Sigma" e qual o valor total das mesmas promissórias?

Resposta — Oitenta e uma (81) foram as promissórias entregues ao suplicado, Banco Alemão Transatlântico, no valor de vinte e sete contos e trezentos mil réis (27:300\$000) para efetuar a cobrança das importâncias subscritas pelos tomadores. O anexo nº 1, representa a relação dos nomes dos seus subscritores e as suas importâncias.

Quarto

Em que localidade residem os tomadores dos títulos do chamado "Empréstimo do Sigma", entregues pela Ação Integralista Brasileira ao Banco Alemão Transatlântico para efetuar o recebimento das quotas subscritas, quais seus nomes e importâncias correspondentes?

Resposta — Nas cidades de Ilhéus, Água Preta, Pontal, Pirangi, no Estado da Bahia e Londrina no Estado do Paraná. O anexo n.º 1 representa os nomes dos tomadores desses títulos e o valor de suas importâncias.

Quinto

Por ventura apurou a perícia que a Ação Integralista Brasileira recebeu por adiantamento do Banco Alemão Transatlântico qualquer quantia mínima que fosse, em razão das promissórias que lhe confiou para receber as quotas dos respectivos subscritores?

Resposta — Do exame procedido ficou apurado que

a suplicante Ação Integralista Brasileira, não recebeu por adiantamento, do suplicado, Banco Alemão Transatlântico, qualquer importância relativa às promissórias entregues para cobrança aos tomadores das importâncias subscritas.

Sexto

Qual a “comissão” que o Banco suplicado costuma cobrar aos seus clientes, em se tratando de negócios semelhantes, de acordo com a seguinte tabela?

Resposta — Ilhéus — 11/2 % — Mínima 6\$000.

Água Preta — 11/2 % — Mínima — 10\$000.

Pirangi — 11/2 % — Mínima — 12\$000

Pontal — 11/2 % — Mínima — 10\$00.

Sétimo

Acaso apurou a perícia a que a Ação Integralista Brasileira, em qualquer tempo confiou ao Banco Alemão Transatlântico, promissórias do chamado “Empréstimo do Sigma” em branco, destinadas a obter com a responsabilidade do mesmo Banco, quaisquer quantias a título de empréstimo ou para serem pelo referido Banco colocadas?

Resposta — Com referência ao objetivo do quesito do exame procedido nada se apurou.

Oitavo

Finalmente, pelo exame feito podem os peritos concluir que:

a) Tem qualquer fundamento as acusações pelo *Correio da Manhã*, contra a Ação Integralista Brasileira, contidas no “local” desse matutino, que a Autora transcreveu na sua petição inicial?

b) A perícia foi feita com a amplitude objetivada pelo *Correio da Manhã*, nas razões do seu ilustre patrono, constantes dos autos?

Resposta:

a) As soluções dadas aos quesitos anteriores respon-

dem plenamente à indagação relativa à pergunta em apreço.

b) A perícia foi realizada dentro dos quesitos formulados e relativos ao objetivo da questão e, assim sendo, foi feita com amplitude sem dolo nem malícia.

ANEXO Nº 2

O anexo nº 2, constituído de cópias de cartas trocadas entre a Ação Integralista Brasileira e o Banco Alemão Transatlântico e entre este e a Agência do Banco do Brasil em Ilhéus (8 cópias) seguem em forma de esclarecimentos.

Eu, segundo perito Dr. Francisco de Paulo Santiago, lavrei e mandei datilografar o presente laudo que vai assinado de comum acordo por todos os peritos.

Rio de Janeiro, 9 de outubro de 1947 — *Francisco de Paulo Santiago*. — *João Gualberto Gouvêa Francisco Machado Dias*.

ANEXO Nº 1

QUADRO DEMONSTRATIVO

Nomes — Localidades	Importâncias
Renato Leite da Silveira — Ilhéus — Bahia	1.000\$000
Idem — Ilhéus — Bahia	1.000\$000
João Pedro Fraga — Ilhéus — Bahia	500\$000
José Bonifácio de Abreu — Ilhéus — Bahia	200\$000
Anselmo Cardoso de Carvalho — Ilhéus — Bahia	200\$000
Arlindo S. Maia — Ilhéus — Bahia	100\$000
Osvaldo Benete Veloso — Ilhéus — Bahia	100\$000
Alvaro Néri Ferreira — Ilhéus — Bahia	100\$000
João Amorim — Ilhéus — Bahia	1.000\$000
Valter Schwartz — Ilhéus — Bahia	500\$000
Marcelino Santana Filho — Ilhéus — Bahia	500\$000
Salvador Dias — Ilhéus — Bahia	500\$000
Raimundo Amaral Pacheco — Ilhéus — Bahia	500\$000
Idem — Ilhéus — Bahia	500\$000

Nomes — Localidades	Importâncias
Sílvio Berbert Amorim — Ilhéus — Bahia	500\$000
Idem — Ilhéus — Bahia	500\$000
Ester Gouveia Pacheco — Ilhéus — Bahia	500\$000
Ernesto Silveira Leite — Ilhéus — Bahia	500\$000
Maria José Sá Barreto Sobrinho — Ilhéus — Bahia	500\$000
Armindo Valverde Martins — Ilhéus — Bahia	500\$000
José Gonçalves da Fonseca — Ilhéus — Bahia	500\$000
Elias José Faia — Ilhéus — Bahia	500\$000
Pietro Mastrolorenzo — Ilhéus — Bahia	500\$000
P. Ademar Pereira — Ilhéus — Bahia	200\$000
Dr. Salomão da Silveira — Ilhéus — Bahia	500\$000
Odestes Bittencourt Mascarenhas — Ilhéus — Bahia	200\$000
Rosino Alcides de Góis — Ilhéus — Bahia	200\$000
Elce Magalhães Novais — Ilhéus — Bahia	200\$000
André Manuel do Nascimento — Ilhéus — Bahia	200\$000
José Mota Bitencourt — Ilhéus — Bahia	200\$000
João Sampaio Rêgo — Ilhéus — Bahia	200\$000
José da Rocha Pereira — Ilhéus — Bahia	200\$000
Gabriel Benevides do Rosário — Ilhéus — Bahia	200\$000
Manuel Gonçalves Mariano — Ilhéus — Bahia	200\$000
Alberto Weyll Hoisel — Ilhéus — Bahia	200\$000
Harquias H. Ferreira — Ilhéus — Bahia	200\$000
Dr. João Correia Júnior — Ilhéus — Bahia	200\$000
Nestor Almeida Pereira — Ilhéus — Bahia	200\$000
Amâncio Ferreira da Ailva — Ilhéus — Bahia	200\$000
Mariano Pereira — Ilhéus — Bahia	100\$000
Antônio Rodrigues da Silva — Ilhéus — Bahia	100\$000
Valdemar Laert Santos — Ilhéus — Bahia	100\$000
Aloísio Davi Hala — Ilhéus — Bahia	1.000\$000
Idem — Ilhéus — Bahia	1.000\$000
Padre Luís Sanjuan — Ilhéus — Bahia	1.000\$000
Joaquim Cerqueira — Ilhéus — Bahia	500\$000
João Estrêla da Silva — Ilhéus — Bahia	200\$000
Manuel Domingues da Costa — Ilhéus — Bahia	200\$000
Guilherme Alves Filho — Ilhéus — Bahia	200\$000
João Fernandes Ourives — Ilhéus — Bahia	200\$000
Luiz Faria — Ilhéus — Bahia	200\$000
Carlos de Santana — Ilhéus — Bahia	100\$000
Pedro Alexandrino Duarte — Ilhéus — Bahia	100\$000
Dr. Valdemar Monteiro — Ilhéus — Bahia	100\$000
Lourival Mendonça — Ilhéus — Bahia	100\$000
João Iaad — Ilhéus — Bahia	100\$000
Elias José Hala — Ilhéus — Bahia	100\$000
Silvertre José Rodrigues — Ilhéus — Bahia	100\$000
Arquimedes Maurício Dias — Ilhéus — Bahia	200\$000
Antônio Ferreira da Silva — Água Preta — Bahia	1.000\$000

Idem — Água Preta — Bahia	1.000\$000
Idem — Água Preta — Bahia	1.000\$000
Idem — Água Preta — Bahia	1.000\$000
Idem — Água Preta — Bahia	1.000\$000
Valdemar Monteiro — Pontal — Bahia	100\$000
Pompeu Silva Carvalho — Pontal — Bahia	100\$000
Adelino Roberto da Costa — Pontal — Bahia	200\$000
João Vieira dos Santos — Pontal — Bahia	200\$000
Francisco Oliveira Santos — Pontal — Bahia	200\$000
Fernando Costa Lela — Pontal — Bahia	200\$000
Sebastião Lhotellier — Piranga — Bahia	100\$000
João Ferreira da Silva — Piranga — Bahia	100\$000
Antônio G. Queiroz — Piranga — Bahia	100\$000
Jaime de Campos Ribeiro — Piranga — Bahia	100\$000
Juventino O. Gomez — Piranga — Bahia	100\$000
Gastão V. Alencar — Londrina — Paraná	200\$000
Héber G. Palahano — Londrina — Paraná	100\$000
João B. Oliveira — Londrina — Paraná	100\$000
Newton A. Sousa — Londrina — Paraná	100\$000
Otávio C. Lima — Londrina — Paraná	100\$000

(A Offensiva de 22 de outubro de 1937)

Passemos agora, Sr. Presidente, ao esclarecimento de outras acusações aqui levantadas contra o antigo Movimento Integralista, as quais, como V. Ex^a e os meus ilustres colegas verão, não resistem ao peso dos esclarecimentos que posso fornecer desta tribuna.

INTERPELAÇÃO Nº 9

Como responde o Integralismo às acusações da "Exposição do Tabuleiro da Bahiana"? — Nada talvez mais perverso e mais ridículo que a chamada "exposição subterrânea" do "Tabuleiro da Bahiana", testemunho flagrante do ódio e da perfídia que inspiraram os adversários do Integralismo. Ali, sob atordoantes processos de propaganda, procuraram arrasar os valores cívicos e morais da hoje extinta Ação Integralista Brasileira. Mistificações e burlas numa espetacular "chantage". Citemos algumas das fraudes mais grosseiras:

1ª) Exibição de fotografias de campos de concentração da Europa, para armar efeito contra integralistas;

2ª) Adulteração de fotografias de sedes integralistas, onde “enxertavam” miseravelmente bandeiras e símbolos nazistas, que jamais existiram nessas sedes;

3ª) Cartas em alemão e não traduzidas, mas que conhecedores desse idioma, puderam verificar serem de cunho comercial, quando visitaram aquela exposição;

4ª) Armas de vários modelos e até de fabricação americana, dadas com apreendidas em sedes integralistas, até 1937, sendo muitas dessas armas de modelo de fabricação de 1940 e mesmo de 1941;

5ª) Entre os boletins profusamente distribuídos, figurava uma carta em alemão dirigida, em 1937, ao Sr. Raimundo Martins (pérfida insinuação contra Raimundo Padilha) e assinada por um líder nazista de nome Thielle. — Pois bem, o signatário dessa carta, em 1937, já era morto desde 1934, como se comprova no livro *Do fundo da noite*, p. 319, sacrificado juntamente com Rhoem e outros maiores nazistas no famoso “expurgo” levado a efeito pessoalmente por Hitler.

Tais e tão revoltantes foram essas mistificações que, quando um jornal desta Capital atribuiu ao honrado Brigadero Eduardo Gomes palavras de aplausos a essa infame exposição, dois amigos de S. Ex^a, o major Paulo Joaquim Lopes e o capitão Carlos Faria Albuquerque, dirigiram-se em carta ao ilustre chefe militar declarando o primeiro que tinha certeza absoluta de que, conhecendo como conhecia Eduardo Gomes, este não teria feito as afirmações que lhe eram imputadas. Realmente, no mesmo dia em que havia recebido a carta do capitão Carlos Albuquerque, S. Ex^a o Sr. Brigadeiro Eduardo Gomes lhe telefonava declarando que não havia dado nenhuma entrevista nem feito qualquer referência a fa-

vor ou contra a referida exposição e que as referências ao seu nome não passavam de exploração feita à sua revelia.

Aí está, Srs. Vereadores, em que se resume a “famosa” exposição subterrânea, cujos processos de combate ao Integralismo foram profundamente desonestos, escusos e também *subterrâneos*.

Passarei agora, Sr. Presidente, a esclarecer, em poucas palavras, referências feitas ao exílio do eminente brasileiro Sr. Plínio Salgado.

INTERPELAÇÃO Nº 10

Enquanto V. Ex^{as} estavam apodrecendo na prisão, o Sr. Plínio Salgado estava em Lisboa, num cômodo exílio declamando senetos. (Palavras do Vereador Carlos Lacerda, constantes do *Diário Oficial* de 27 de março de 1947). Fossem essas palavras verdadeiras e o Sr. Plínio Salgado só nos poderia merecer desprezo. Felizmente, porém, essas palavras não correspondem à verdade. Depois de lançar ao povo brasileiro o Manifesto de 1º de maio de 1939, aconselhando respeito à autoridade, diante da perspectiva próxima de um novo conflito mundial, Plínio Salgado foi preso a 30 de maio e no dia imediato seguiu de São Paulo para o Rio, sendo recolhido à Fortaleza de Santa Cruz, e daí, para o exílio. Sua prisão foi um erro — afirmou uma autoridade da época, mandá-lo para o exílio é um erro mais grave, pois nada justifica tal medida. Acometido de grave enfermidade logo ao chegar à Lisboa, teve que ir convalescer na Serra da Estrela, em Castelo de Vide. Os primeiros 5 anos de exílio foram de absoluto retraimento. Em 1944 aceitou a pedidos insistentes de amigos, realizando uma conferência no Mosteiro dos Olivais, mais tarde outra no Teatro D. Maria II e mais tarde ainda, outra na cida-

de do Porto. O exilado passou então a ser considerado o embaixador da cultura brasileira. Nada mais preciso dizer.

O Devo, Sr. Presidente, trazer ao conhecimento da Casa alguns esclarecimentos sobre um dos pontos já abordados por mim, e que merece ser novamente focalizado para que fique definitivamente esclarecido.

Passarei agora, Sr. Presidente, a esclarecer o empenho do Brasil em manter a paz e a estabilidade política e econômica.

Foi ou não foi uma "intenção integralista" o golpe de 11 de maio de 1938?

Devo repetir que quase todas as forças políticas preparavam uma revolução nacional para depor o regime vigente após o golpe de 10 de novembro de 1937. Entre os nomes citados e pronunciados pelo Tribunal de Segurança, figuravam, entre outros, os seguintes: General Castro Júnior, Cel. Euclides de Figueiredo, Cel. Ayrton Plaisant, Francisco Flores da Cunha e ainda os Srs. João Daré, Bozzano e Júlio de Mesquita. Ninguém ignora que após o malogro do golpe de 11 de maio, os Srs. Armando Sales, Otávio Mangabeira, Lindolfo Colar e outros foram mandados para o exílio, em Portugal ou na França; como o Uruguai ou na Argentina. Entretanto, as perseguições se generalizaram no Brasil contra os componentes da Ação Integralista, que suportaram o peso de um ódio feroz e sem quartel. As mais inomináveis injustiças se perpetraram, debaixo de uma propaganda organizada, sem que qualquer voz se levantasse para protestar contra tantos e tão numerosos crimes. Para conhecimento dos Srs. Vereadores, valho-me do nosso Regimento Interno, para fazer a leitura da entrevista que o General Castro Júnior dignamente deu ao *Diário da Noite*, como consta da edição de 30 de abril de 1945, como se segue:

"Eu seria o presidente da junta militar" — Fala ao *Diário da Noite* o general Castro Júnior — É substancialmente verdadeira a afirmativa do Sr. Miguel Reale — Era um movimento destinado a restabelecer a Democracia — A "novembrada" teve como objetivo único a continuação do Sr. Getúlio Vargas no poder — É substancialmente verdadeira a afirmativa do Sr. Miguel Reale, de que o objetivo do movimento de maio seria a volta ao regime constitucional, sob a direção de uma junta militar, que seria, por desistência de camaradas certamente mais indicados, por mim presidida".

Foram estas as primeiras palavras do general Castro Júnior ao receber, esta manhã, o redator do *Diário da Noite*.

E prosseguiu, depois de ouvir a leitura de alguns tópicos da entrevista concedida à "Meridional", em São Paulo, pelo professor Miguel Reale, antigo doutrinador do Integralismo:

"Tratava-se de um movimento nacional, extremo de intuítos partidários, em que se aproveitava o concurso do integralismo, à época ferozmente perseguido, como de outras correntes de opinião, para levar a Nação ao campo neutro da democracia, onde todos se poderiam entender, conforme nossas tradições seculares. O que deu aspecto integralista ao "putsch" de maio foi a precipitação da ala exaltada daquela corrente, no Rio, na sua posição, provavelmente, de que já contava com forças suficientes para expulsar do Catete o intruso que ainda hoje ali se encontra. A ação foi tão inopinada, que nem os integralistas de S. Paulo e de outras circunscrições tiveram tempo de se manifestar. Mais tarde, soube pelo próprio Sr. Plínio Salgado, que enviara um emissário de absoluta confiança para impedir a deflagração do movimento sem ser de acordo comigo".

— Já antes da “novembrada” de 37, eu e outros generais, apesar de não investidos de comando de tropa, trabalhávamos contra ela (a novembrada) conquanto não soubéssemos precisamente do caráter que iria ter. Sabia-se apenas que o Senhor Presidente da República se queria transformar em ditador para continuar no governo, e só a esse objetivo o golpe obedeceu. O mais, é lenda. Não era preciso grande argúcia para perceber essa intenção do atual ditador, porque já o deputado Barreto Pinto apresentara na Câmara uma indicação, no sentido de ser prorrogado o mandato do então presidente da República. Diziam os jornais da época que ela alcançara mais de cem assinaturas. Fosse ela constitucional e consubstanciada em lei, nem o Estado Novo teria existência, não haveria o estatuto político mais consentâneo com as nossas condições políticas, sociais, raciais etc., e grande parte da literatura do DIP se haveria perdido. Tão pouco teria surgido o famigerado documento Cohen: não haveria em que aproveitá-lo”.

Avisado o General João Gomes

— “De uma feita — continuou o general Castro Júnior — avisei o general João Gomes, então ainda ministro da Guerra, de que o Sr. Getúlio Vargas desejava continuar no governo extraconstitucionalmente, respondendo-me ele que o próprio presidente da República lhe afirmara ter sido o Sr. Flores da Cunha (contra quem se estavam concentrando forças na fronteira do Rio Grande ou providenciando para isso) quem havia inventado essa balela, acrescentando que, se fosse desse Estado, o candidato — oficial, já se vê —, este poderia ser senão

ele, Flores. Soube depois, por outra fonte, que o mesmo presidente dissera outro tanto ao Sr. Maurício Cardoso, aduzindo não saber porque essa restrição, que o impedia de indicar um nome “como... como o do senhor”. Um amigo de outro amigo do Sr. Truda me “informou” ser este o candidato do Sr. Presidente da República à sua sucessão, ao mesmo passo que também ouvia que um ilustre político da Bahia era, àquela época, o candidato presidencial à referida sucessão... Pelas mistificações... Vê-se, assim, que o conhecido fidalgo de la Mancha não foi o único cavaleiro engenhoso deste mundo”.

Uma retificação

Depois, disse o general Castro Júnior:

“Há uma retificação oportuna às declarações do Sr. Miguel Reale: quando entramos em entendimento com o integralismo, já tínhamos muitas adesões de militares e civis a um movimento reivindicador das liberdades públicas confiscadas, e eu não era mais diretor do Material Bélico, cargo de que não pedi demissão logo a 10 de novembro”.

Nada mais claro, Senhores Vereadores, do que os esclarecimentos prestados pelo ilustre e honrado General Castro Júnior, cujas convicções democráticas e liberais, tantas vezes proclamadas, são por todos reconhecidas. É preciso, porém, não esquecer que aos integralistas coube o sacrifício de sangue, deixando uma dezena de mortos no Palácio Guanabara, onde se destaca a figura heróica do bravo Tenente Júlio do Nascimento, comandante da resistência, que só ordenou a retirada ao amanhecer, quando tudo estava perdido. Não podemos esquecer a figura de um comandante, Nuno Barbosa de Oliveira, com seus bravos oficiais e marujos do ines-

quecível cruzador *Bahia*, nem a figura esplêndida de um Tenente Arnoldo Hasselman, que, desarmado e com reduzido número de sargentos e praças, tomou o Ministério da Marinha, aprisionou a sua guarda e deteve o regimento naval em peso, durante longas horas. Não quero finalmente, Srs. Vereadores, terminar estas referências, sem focalizar a personalidade de Belmiro Valverde, de quem se poderá divergir em determinados pontos, mas a quem nenhum brasileiro que se prese de honesto poderá negar coragem, bravura e decisão. Sacrificados foram numerosos integralistas e a perseguição se estendeu, sem distinção, a todos os componentes da Ação Integralista Brasileira. O DIP taxou a revolução de 11 de maio de "Intentona Integralista". Repetir essa expressão, e procurar excluir pessoas de responsabilidade da participação que tiveram na preparação da revolução nacional contra a ditadura do Estado Novo é fazer-se continuador do DIP, repetindo inverdades em desacordo com os acontecimentos históricos.

INTERPELAÇÃO Nº 12

O integralismo é extremismo? Não, Srs. Vereadores, Integralismo não é extremismo. Dirão VV. Ex^{as} que muito se tem falado em extremismos e também nas referências a um certo extremismo da direita. Assim é, realmente. Muito se tem propalado essa e outras herecias, pois no fundo o que existe é a preocupação tenaz de confundir e mistificar. O Integralismo, sendo movimento de base espiritualista, proclama a liberdade e de maneira nenhuma poderia ser taxado de "extremismo". Perguntaríamos, por nossa vez, se deveriam ser chamados de extremistas os militares que a 29 de outubro de 1945, sem eleições, derrubaram o governo, impondo uma nova ordem política no país? Extremista seria porven-

tura o Sr. Getúlio Vargas, chefe da revolução de outubro de 1930, que, também sem eleições, apeou do governo o honrado presidente Washington Luís? Nem aos militares de 29 de outubro nem ao Sr. Getúlio Vargas, em 1930, caberia o epíteto de extremistas, como também não cabe de forma alguma aos antigos componentes da Ação Integralista Brasileira. É preciso que jornalistas, políticos, e homens de responsabilidade em geral, tenham a coragem moral de afirmar que só existe um "extremismo" e esse é o que se baseia no materialismo negador das virtudes do espírito e do coração, na prática da violência de Sorel e no princípio da luta de classes, que deve ser levada às suas máximas consequências. Esse o único extremismo. E nem se compreenderia que o Integralismo fosse enquadrado nesse plano, dadas as opiniões que sobre o mesmo expenderam personalidades do maior destaque político-social ou religioso.

Quero, Srs. Vereadores, trazer ao conhecimento de VV. Ex^{as} algumas dessas opiniões. Começarei pelas palavras do Sr. Getúlio Vargas, sob cujo governo de força se exerceu a mais terrível e truculenta perseguição ao Integralismo e aos integralistas, palavras essas pronunciadas em 1937, ao receber a delegação que lhe ia comunicar a candidatura do Sr. Plínio Salgado à Presidência da República. Eis as suas palavras: "O Integralismo até hoje não praticou nenhum ato nem pregou nenhuma doutrina que autorizasse contra ele, por parte do governo, medidas assecuratórias da ordem pública. Nenhuma prova teve o meu governo de ter o Integralismo pregado métodos violentos, insuflado greves, preparado sedições, incitado o ódio entre classes, tentado contra os poderes constituídos.

Sempre tive a melhor impressão do vosso movimento e do seu ilustre Chefe, a quem ainda não me foi dada

ocasião de conhecer pessoalmente. Sempre o julguei um movimento apenas constituído por uma vibrante mocidade, mas vejo agora que aqui estais, pertencerem também a seus quadros destacadas personalidades, como as que neste momento me rodeiam, entre as quais a veneranda figura do meu antigo ministro, Dr. Belisário Pena e os meus amigos Dr. Amaro Lanari e General Vieira da Rosa”.

Sobre o Integralismo, Srs. Vereadores, manifestaram-se os mais ilustres bispos e arcebispos e a leitura de muitas dessas opiniões pode ser feita na p. 71 do livro *O Integralismo brasileiro perante a Nação*, onde se acham as mesmas transcritas, como se segue:

“No momento gravíssimo que atravessamos, o Integralismo é uma força viva em defesa dos fundamentos morais da Pátria Brasileira”. — *Francisco*, bispo de Campinas.

“Plínio Salgado, espírito inteligente, culto, orientado por sólidos princípios católicos e em cujas atividades transparece a profunda e segura visão de sábio, sociólogo e sincero patriota, desejoso de bem servir a causa de Deus, da Pátria e da Família, trilogia base insubstituível de todo o sistema que não se nutre de utopias, nem transige com as ambições de interesse pessoal”. — *Luís*, bispo de Uberaba.

“Plínio Salgado, patriota sem jaça, que, almejando a máxima felicidade nacional em todos os seus departamentos administrativos, levanta do extremo norte ao sul o lábaro augusto da sagrada trilogia — Deus, Pátria e Família — única que, bem e sinceramente praticada, salvará a Terra de Santa Cruz, espiritual e temporalmente”. — *Otaviano*, arcebispo de Campos.

“Basta saber ler para verificar a superioridade de orientação do Integralismo em face dos graves problemas da vida, comparado com os partidos da Liberal

Democracia. Quem, chefiando um movimento nos moldes do Integralismo, fala e escreve com o desassombro, a energia e a franqueza com que fala e escreve o Sr. Plínio Salgado, tem o direito a ser crido com respeito”.

— *José*, bispo de Bragança.

“Assim como o governo da República permite a livre pregação do Integralismo, a Igreja também recebe em seu seio, como filhos bem-vindos, os camisas-verdes que se recolhem em seu recesso para implorar as bênçãos do Senhor para a obra grandiosa que estão realizando”. — *José*, bispo de Niterói.

“Deus, Pátria e Família, nobre divisa do Integralismo, como de todo o homem que raciocina cristãmente. Família formada nos grandes ideais cristãos, fundada sobre o santo temor de Deus e compenetrada do seu santo dever para com Deus, eis o novo porvir de uma pátria grandiosa, sempre unida, próspera e feliz”. — *Inocência*, bispo de Campanha.

“O ideal integralista, segundo penso, está de molde a captar todas as simpatias das almas vibrantes de fé patriótica; já é possuidor de alta cultura cívica e religiosa nos seus grandes homens, que são credores de ótimos serviços prestados à Pátria e à Igreja. Merecem, portanto, as bênçãos do Senhor e do Brasil católico. Invocamos para eles essas preciosas graças.” — *Antônio*, arcebispo de Jaboatão.

“Aconselhamos aos bons católicos e ao clero que prestigiem ao Integralismo, único meio de ação, atualmente, capaz de impedir a derrocada tremenda que ameaça a Religião e a Pátria. Cada dia nos convencemos mais de que a atuação do governo central da República em relação ao que na Capital Federal se expande sem a menor coação, é uma manifestação patente e indiscutível da Providência Divina, inspiradora desse meio poderoso e eficaz da salvação do país. Se, pois, no Integra-

lismo temos uma escola de patriotismo sã e uma ideologia muito aproximada da doutrina católica, prestigiá-lo será fazer da nossa parte, para que Deus nos ajude, sobretudo na hora incerta e perigosa que vivemos.” —

Manuel, bispo do Aterrado.

— “Sendo o Integralismo um partido político perfeitamente legal e sendo o programa de acordo com a doutrina católica e por isso mesmo diametralmente oposta às ideologias nefastas do comunismo, ele merece todos os meus aplausos, sobretudo no momento atual”. — *Fernando*, bispo de Jacarezinho.

— “São conhecidas as nossas simpatias para com a doutrina integralista, em que nada vemos que possa impedir a um católico de abraçá-la. E, a este propósito, folgamos de ver semelhante conceito confirmado e em recente livro, aprovado por autoridade eclesiástica que é o *Ciência e Religião*, fato significativo sob vários aspectos e máxime por se tratar de manual apologético destinado a seminários e escolas”. — *Francisco*, arcebispo de Cuiabá.

— “Quanto nos permitiu um exame atento sobre o assunto, é nossa convicção nada haver no Integralismo que colida pelo mínimo com a doutrina da Igreja Católica”. — *Joaquim*, arcebispo de Florianópolis.

— Não precisaria, talvez, Srs. Vereadores, ir mais longe; entretanto, não quero que se constate apenas a opinião exarada por tão ilustres prelados. Desejo aduzir algumas outras, concluindo com a do Sr. Costa Rego, que de maneira excepcionalmente brilhante focaliza e encerra o assunto.

Declarou o saudoso Conde de Afonso Celso: “O Integralismo realiza uma grande obra cívica. Há nas suas aspirações um desejo forte, enérgico e sadio de unir o Brasil e fazer feliz o seu povo, torná-lo senhor dos seus destinos, forte e respeitado em face do mundo, restaurar

na Nação a hegemonia perdida perante as nações americanas. Repito o que já tive ocasião de declarar: as minhas condições de idade e saúde, bem como o retraimento de qualquer agitação política, inibem-me de me alistar nas fileiras da campanha integralista. Sou como o soldado que, por invalidez e ferimento na refrega, ficou à margem, impedido de acompanhar a marcha de seus irmãos de armas, mas solidário com eles, segue-os com vivas, brados de animação, preces e bênçãos. Exulta entusiasmado, feliz, quando vê a bandeira ascender aos cumos do ideal”. — (Rio de Janeiro, 1936).

O Sr. General Pantaleão Pessoa assim se exprimiu em Janeiro de 1935: — “O Integralismo, fazendo pública e leal propaganda da sua doutrina, exerce um direito e cumpre um dever moral patriótico; longe portanto de incorrer em condenação, merece louvor e incitamento”.

Do Deputado Cirilo Júnior, líder da maioria na Câmara Federal, são as seguintes palavras em fevereiro de 1935: — “A meu ver, digo-o sinceramente, apesar de não ser seu sectário, a doutrina integralista não aprova e nem pratica qualquer postulado que não vise fortalecer a Nação, moral e economicamente”.

Finalmente, Srs. Vereadores, ouçamos as palavras do eminente jornalista Sr. Costa Rego, em dezembro de 1935, em seu artigo “Escola e Violência”, no *Correio da Manhã*: — “É um erro fundamental confundir na mesma designação genérica de “extremista” a ação do Integralismo e do comunismo. Começa que a ação de Integralismo é nacional, a do comunismo internacional. O comunismo é um estado de conspiração. O Integralismo, ao contrário, declara-se inimigo de todas as conspirações e de todas as sedições. Sua campanha é cultural, moral, educacional e social. O Integralismo quer a Pátria forte para que dentro dela viva o indivíduo ga-

rantido. O comunismo subordina o indivíduo ao senso coletivo do Estado — do Estado e não da Pátria. O Integralismo ampara a liberdade com a disciplina. O comunismo mantém a disciplina pela extinção da liberdade”.

Depois de opiniões como essas, desnecessário quase seria insistir no assunto já perfeitamente esclarecido. A mediocridade que revelam esses que falam em extremismo da direita e extremismo da esquerda, é mais para lamentar que para censurar. Quero, porém, concluir esta parte do meu discurso, trazendo ao conhecimento da Câmara de Vereadores e ao conhecimento do povo carioca as palavras com que Plínio Salgado terminou um dos seus últimos artigos no jornal *Idade Nova*. Ei-las: “Só existe um extremismo — o materialista. Porque o materialismo é determinista e baseia-se no impositivo das forças materiais. O determinismo justifica o predomínio do forte sobre o fraco, predomínio da massa sobre o indivíduo, a utilização da violência como criadora de direitos. É doutrina da força bruta, livre da interferência do espírito. O conúbio do determinismo histórico e da dialética materialista produziu o extremismo marxista.

Não há dois extremismos, há apenas o extremismo. Porque o chamado extremismo da direita é o mesmo da esquerda. Tanto assim que o nazismo denominava-se nacional-socialismo. A palavra socialismo foi consagrada definitivamente por Marx. Era já uma doutrina materialista e Marx pretendeu dar-lhe fundamento científico. Aplicou, então, os princípios do evolucionismo materialista ao desenvolvimento do capital. O seu socialismo tem caráter internacional e o de Hitler tem caráter nacional e racial. Ambos, porém, procedem da mesma fonte: o materialismo. Por isso, não há extremismo da direita nem da esquerda. O que há é o extremismo.

E todo o homem, e todo partido que for espiritualista e proclamar a fé em Deus e na imortalidade da alma humana, a liberdade do homem como consequência do seu livre arbítrio e dos seus deveres para com Deus, esse homem não pode ser qualificado de extremista. E quem disser “extemismo” no plural, não sabe o que está dizendo”.

Devo concluir, esperando que os meus nobres colegas desculparão o haver sido talvez um tanto extenso.

Desejava encerrar o assunto, vasto e complexo por sua própria natureza. Numerosos problemas atraem nossa atenção e estudo. Ao terminar porém, responderei a uma das interpelações que foram erguidas neste recinto, resposta com que encerrarei este discurso, no qual procurei demonstrar que, no ano da graça de 1947, a defesa do Integralismo, a defesa do ideário pelo qual lutavam os seus componentes, não só é coisa fácil e possível, como está ao alcance de qualquer dos antigos membros desse grande movimento político-social, bastando para tanto recorrer aos fatos, aos livros e aos documentos.

INTERPELAÇÃO Nº 13

V. Ex^a é representante do PRP, ou do Integralismo?
Srs. Vereadores, afirmei nesta Casa e reafirmo hoje que aqui represento o Partido de Representação Popular, sem que isso implique todavia em abdicação de minhas velhas convicções integralistas. O Integralismo superou a fase partidária, mas suas idéias e seus princípios constituem um grande e levantado Ideal. O Ideal, Srs. Vereadores, por maiores que sejam as nossas falhas, os nossos erros, as nossas fraquezas, o Ideal é o limite do Bem e do Belo, que almejamos alcançar, mesmo sem conseguí-lo. Sem Ideal não se vive, Srs. Vereadores. E o Ideal

É o que me cumpria dizer, Sr. Presidente.

Imprensa Nacional — Rio de Janeiro — Brasil — 1947

V. Ex. é representante do PRP, ou do integralismo? Sr. Vereadores, afirmo nesta Casa e refutino hoje que aqui represento o Partido de Representação Popular, sem que isso implique todavia em abdicação de minhas várias convicções integralistas. O integralismo superou a fase partidária, mas suas idéias e seus princípios constituem um grande e levantado ideal. O ideal, Sr. Vereadores, por maiores que sejam as nossas falhas, os nossos erros, as nossas fraquezas, o ideal é o limite do Bem e do Belo, que almejamos alcançar, mesmo sem conseguirlo. Sem ideal não se vive, Sr. Vereadores. E o ideal

com filmes lançados pela Editor
Fone (011) 238-3388 (PARX)
8:05 - São Paulo - 39
33043 Rte. Martins Burchard, 148
REPRODUÇÃO DE TEXTO É PROIBIDA

1

Impresso na **Grol** editora gráfica ita
03043 Rua Martim Burchard, 246
Brás - São Paulo - SP
Fone: (011) 270-4388 (PABX)
com filmes fornecidos pelo Editor.

nossos cursos de como a AIB arrecadava os fundos necessários à sua atuação em todo o Brasil, com os quais mantinha milhares de escolas e consultórios? Que ensinam os “professores”, ou “autores” de livros “didáticos”, sobre o exílio de Plínio Salgado, ou sobre a tentativa de derrubar a ditadura getulista no impulsivo ataque ao Palácio Guanabara, em maio de 1938, e que se constitui num momento heróico da verdadeira História do Brasil?

Lamentavelmente não são apenas “professores” que aceitam submeter a sua inteligência à falsificação da História, escrevendo e conseguindo publicar a sua “história”, independentemente de documentos comprobatórios. Este mesmo procedimento vamos encontrar em memorialistas recém-editados, como Juracy Magalhães que, referindo-se superficialmente ao Integralismo, repete simploriamente o que se encontra em livros “didáticos” do 2.º grau, ou o embaixador Pio Correia que, na sua miopia, viu apenas pessoas idosas e crianças no grande desfile da Avenida Rio Branco, no Rio de Janeiro, ou Jarbas Passarinho que, abdicando de sua inteligência, respeito ao próximo, sensibilidade — e até mesmo descendo a um nível de imprensa marrom —, forja um perfil de Plínio Salgado indigno de sua pena, ao mesmo tempo em que comprova, em página de exceção, a tortura a que foram submetidos os integralistas nas masmorras estadonovistas.

Razões de sobra, pois, não nos faltam, em procurar reviver as páginas de Jayme Ferreira da Silva: é a História sendo restaurada e abrindo as suas páginas àqueles que pretendam pesquisá-la com a honestidade devida e, conseqüentemente, posicionando-se nos tempos que estamos vivendo.

São Paulo, julho de 1996

Gumerindo Rocha Dorea

Parece que foi ontem, não é...

... Herbert Parentes Fortes, Gilberto de Mello Kujawski,
Euro Brandão, Tasso da Silveira, Parmênides, Rubem Fonseca,
Abdias do Nascimento, Astrid Cabral, Emílio Silva de Castro,
Gina Magnavita, Gerardo Mello Mourão, Antonio Paim,
Fernando Salles, Pico della Mirandola, Manoel Joaquim de Carvalho Jr.,
Hermes Vieira, Heitor Marçal, Nélida Piñon,
Pedro II, Maria Alice Barroso, Oliveiros S. Ferreira,
Luís Marques Poliano, D. Odilão Moura, Antonio Olinto, Fernando
Hupsel de Oliveira, José Cândido M. de Carvalho, Castro Alves,
J. Bédier, Jorge Medauar, Dante Alighieri, Xavier Marques, Wilson Lins,
Luiz Jean Lauand, Paulo Napoleão Nogueira da Silva,
Maria da Conceição Paranhos, Ray Bradbury, Santo Tomás de Aquino,
Hildegardes Vianna, Sérgio Mattos, Vasconcelos Maia, Plínio Salgado,
Gerschenson e Ivanov, Alcântara Silveira,
Walter M. Miller Jr., James Blish, Robert Henlein, Jorge Luiz Calife,
Henrique V. Flory, Maria Luiza Heine, José Haroldo Castro Vieira,
Ivan Dorea Soares, Adonias Filho, Telmo Padilha, Cyro de Mattos,
Ivan Carlos Regina, Marien Calixte, George Stewart,
José dos Santos Fernandes, Theodore Sturgeon, Zbigniew Brzezinski,
Geraldo França de Lima, Oswaldo de Camargo, Rubem Nogueira,
Fredric Brown, Clifford D. Simak, Walmir Ayala, Marcos Santarrita,
Jan Potocki, H. P. Lovecraft, Sheridan Le Fanu, Júlio César Machado,
Clóvis Amorim, José Alípio Goulart, Morris Janowitz,
Deoscóredes Maximiano dos Santos (Didi), Roberto de Souza Causo,
Cid Fernandez, Roberto Schima, Fausto Cunha,
Dinah Silveira de Queiroz, Chad Oliver, John Wyndham, Edna Savaget,
Francis Carsac, Guido Wilmar Sassi, José Alcides Pinto,
Jerônimo Monteiro, Harold Mead, Julieta Godoy Ladeira,
Macedo Miranda, Zora Seljan, Fred Hoyle, Rubens Teixeira Scavone,
C. S. Lewis, Carl Friedrich, Mário Faustino,
João Camilo de Oliveira Torres, Raymundo Schaun, Jonas Rocha,
Euclides Neto, Leo Godoy Otero, Elysio Condé,
Adolpho Justo B. de Menezes, Victor Ferkiss, Paulo Vidal,
Emiliano Perneta, Silveira Neto, A. Tchecov, Benedito Rui Barbosa,
Samuel Rawet?

E já vão 40 anos!



1956 — 1996